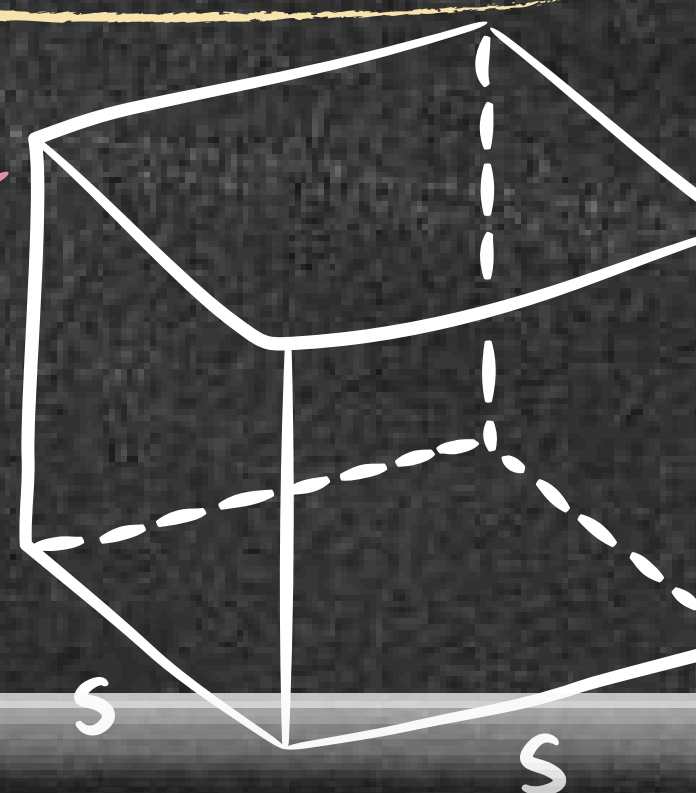




$$y = mx + b$$

$$V = \frac{4}{3} \pi r^3$$

$$x = \frac{-b \pm \sqrt{b^2 - 4ac}}{2a}$$



NARRATIVAS DE PROFESSORES DE MATEMÁTICA SOBRE O EXERCÍCIO DA DOCÊNCIA NO PERÍODO PANDÊMICO: MARCAS QUE FICARAM NOS CORPOS

$$a + b = b + a$$

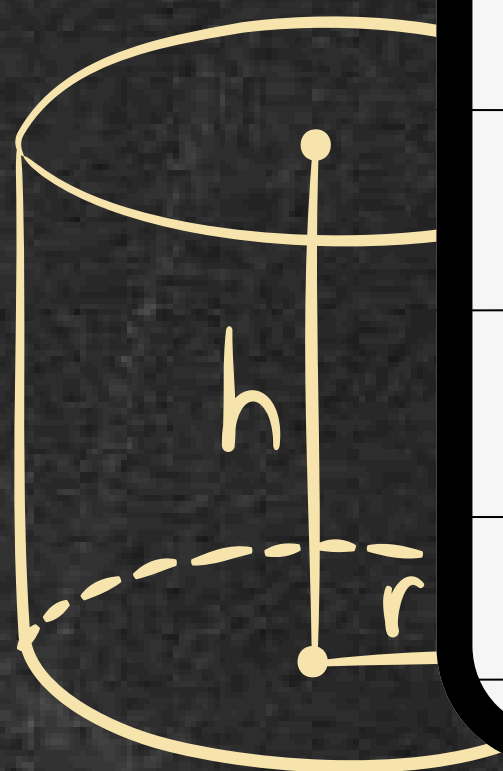


CARLA GEBHARDT GEHLING

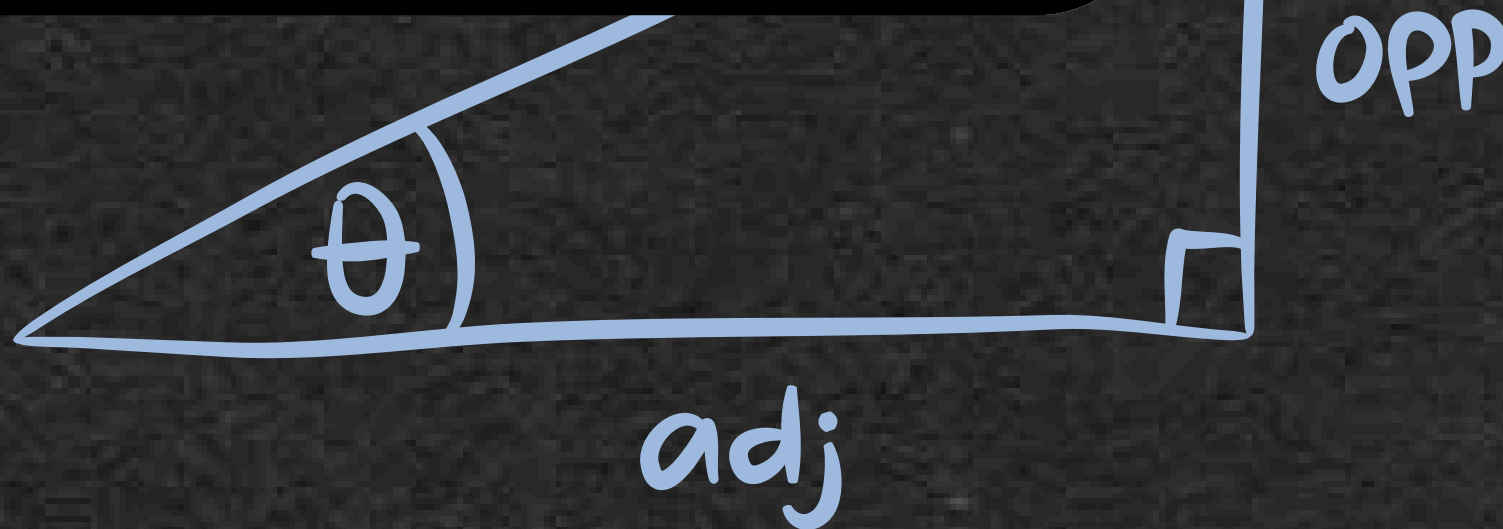
RAFAEL MONTOITO

RAFAEL VELASCO

(Organizadores)



$$V = \pi r^2 h$$



$$ax^2 + bx + c = 0$$

$$\sin(\theta) = \frac{\text{opp}}{\text{hyp}}$$

CARLA GEBHARDT GEHLING

RAFAEL MONTOITO

RAFAEL VELASCO

(Organizadores)

**NARRATIVAS DE PROFESSORES DE
MATEMÁTICA SOBRE O EXERCÍCIO
DA DOCÊNCIA NO PERÍODO
PANDÊMICO: MARCAS QUE FICARAM
NOS CORPOS**



Ficha Catalográfica

N234

48 f. : il. ; 30 cm.

1.Educação.2.TecnologiasDigitais.3.COVID-19-Entrevistas. 4. ProfessoresdeMatemática.I.Gehling,CarlaGebhardtII.Montoito, Rafael III. Velasco, Rafael de Souza

CDD 371.33

Catálogo na publicação:
Bibliotecária Gislaine Maciel Piccoli CRB 10/1481
Biblioteca IFSul - Câmpus Pelotas

ÍNDICE

Prefácio	4
Mapa Geográfico do estado do Rio Grande do Sul	8
Entrevista Professor α (Alpha)	9
Entrevista Professora γ (Gama)	16
Entrevista Professora β (Beta)	25
Entrevista Professora δ (Delta)	32
Posfácio: O tempo não para	40
Lugares de São Lourenço do Sul - Rio São Lourenço	43
Lugares de São Lourenço do Sul - Memórias Und Andenken	44
Lugares de São Lourenço do Sul - Arroio Carahá	45
Lugares de São Lourenço do Sul - Casa da Imigração Jacob Rheingantz	46
Lugares de São Lourenço do Sul - Praia das Nereidas	47

Prefácio

A vontade de lembrar e de não esquecer é uma discussão que permeia o campo da História Oral e que há vários anos vem sendo considerada por diversos setores da sociedade, que passaram a reivindicar a condição de serem ouvidos e poderem narrar suas experiências para seus pares interessados, ouvintes atentos e ativos, com o intuito de que esses se coloquem como aprendentes a partir das trajetórias individuais e coletivas, marcadas por significações que deram à experiência vivida por quem as conta.

Nesse contexto, a memória de professores passa a ser considerada como material interessante para a Educação, contribuindo para que se possa pensar os processos educativos em suas diferentes perspectivas e circunstâncias.

A dissertação de Carla Gebhardt Gehling é uma dessas narrativas. Intitulada Narrativas de Professores de Matemática sobre o Exercício da Docência no Período Pandêmico: marcas que ficaram nos corpos, a pesquisa teve como interesse “conhecer as histórias dos professores de matemática em tempo de pandemia, por meio da construção de narrativas, evidenciando seus sentimentos”, e realizou entrevistas com diferentes professores de São Lourenço do Sul, se colocando atenta às memórias relativas ao trabalho docente em um período tão peculiar vivido recentemente: a pandemia do COVID-19. De longe, o episódio mais assustador vivido mundialmente, em um período recente, e marcado por muita dor e perdas pessoais para cada um de nós. No Brasil, se acompanhou um drama ainda mais acirrado, se considerarmos o modo como se posicionou a gestão nacional ante a crise sanitária, estendendo nosso drama pela espera das vacinas, enquanto o número de vidas perdidas crescia todos os dias vertiginosamente, em função da pandemia.

Em meio à crise sanitária, política e social que vivíamos naqueles anos, viu-se o crescimento de tensões de toda ordem e, no caso da Educação, foi se acentuando uma pressão sobre os educadores, que deveriam buscar meios de atuarem em suas atividades laborais. Das alternativas possíveis, mantendo-se o distanciamento social, o ensino remoto apareceu como uma solução para a retomada das atividades didáticas, indicada para os mais diversos contextos de Educação.

No entanto, considerando o modo aligeirado de se chegar em uma alternativa, o que se viu foi o reforço da desigualdade entre os grupos sociais mais favorecidos, que podiam oferecer a seus filhos condições tecnológicas mais qualificadas para o estudo mediado pela tecnologia, e demais camadas sociais, que, em sua maioria, mantêm os filhos em escolas públicas. Esses

Prefácio por Diogo Franco Rios

grupos, que já viviam condições socio-econômicas desfavoráveis antes da pandemia, tiveram muito mais limitações para implementação de estratégias de ensino remoto, fosse pela falta de espaços adequados em casa, para que as crianças pudessem estudar, fosse pelas próprias restrições tecnológicas dos pais e estudantes, o que implicou em condições mais precárias para acessarem materiais disponibilizados pelos professores e os disponibilizarem para que seus filhos seguissem estudando durante os meses de confinamento.

Acrescente-se aí as complicações que os estudantes de famílias socialmente mais vulneráveis sofreram em decorrência do COVID-19, tanto pela precarização das condições de trabalho dos pais, que tiveram, em muitos casos, seus meios de sustento da família interrompidos, quanto pela própria precarização que já lhes era imposta. Antes, pela dinâmica da desigualdade social que vivemos, com privações decorrentes dos limites financeiros.

E os professores? Como teriam enfrentado isso? Em geral, se tem uma noção, mesmo que vaga, em função das notícias veiculadas, local e nacionalmente, do desafio que representou estabelecerem práticas de ensino em modalidade virtual, ou mesmo encaminharem tarefas e orientações didáticas para que seus alunos, de alguma maneira, seguissem com o vínculo educacional. De lá pra cá, muito se ouviu educadoras e educadores refletindo a respeito dos desafios de realizarem práticas pedagógicas no contexto pandêmico e, mais recentemente, do quanto esse período impactou o retorno às atividades educativas presenciais.

No mesmo sentido de se fazer ouvir, de encontrar “ouvintes” para as significações que atribuem às experiências vividas, este livro traz algumas entrevistas que foram realizadas com professores de matemática a respeito de suas experiências nas circunstâncias da pandemia, marcadas pela particularidade de se referirem à São Lourenço do Sul, uma cidade de pequeno porte do sul do Rio Grande do Sul, e que compuseram a pesquisa de mestrado de Carla Gebhardt Gehling, também moradora da cidade, e professora de matemática, que igualmente experienciou o ensino remoto durante a pandemia.

Este livro tem esse compromisso: dar centralidade a essas memórias de professores, mesmo que elas já tenham feito parte de uma pesquisa científica. Transcrevê-las e disponibilizá-las aqui é uma chamada de atenção, um convite à escuta da experiência de cada um dos entrevistados, mas também de um coletivo que, além de sobreviver, precisou ensinar como nunca fez, em um contexto assustador e precário que também vivia. Ao contarem sobre as práticas, eles nos contam sobre as marcas que essa experiência deixou. Neles, na educação e nos educadores.

“Marcas que ficaram nos corpos” – provocação dada pelo título da dissertação – já é um convite interessante para pensarmos o quanto as memórias trazidas no livro carregam sinais

Prefácio

por Diogo
Franco Rios

de um tempo difícil e cheio de desafios, que se impregnaram não apenas no cotidiano, mas também nos corpos e nas vidas dos professores entrevistados.

E a Matemática? Parece que a disciplina escolar não estaria entre os protagonistas desse processo, mas essa seria uma leitura equivocada do tema. Os silêncios postos sobre os conteúdos matemáticos e os aspectos metodológicos de ensino da disciplina são muito emblemáticos sobre a situação crítica e inusitada experimentada por eles. Muito além do que se possa pensar sobre uma falta de abertura para lidar com as tecnologias digitais, ou mesmo de se adaptarem às mudanças sociais, vemos, a partir das narrativas, professores vivendo seus próprios contextos familiares críticos, e sobrevivendo a um período tão complexo, dando conta de gerenciar suas famílias e, em paralelo, lidar com uma pressão, para compensar as dificuldades do momento, levando seus alunos a processos de ensino de maneira minimamente qualificada, abstraindo suas próprias sensações e/ou condições de insegurança sanitária, e mesmo a própria falta de estrutura tecnológica para ministrarem suas aulas de casa.

Nas entrevistas presentes no livro, há muito mais do que relatos sobre práticas didáticas: transbordam os sentimentos de angústia por se ter que dar conta de preparar materiais, estimular a aprendizagem, avaliar os progressos escolares, etc., extrapolando as próprias circunstâncias vividas pelos professores, suas famílias, seus alunos e as famílias deles.

As entrevistas são sobre ensino de matemática, mas, sobretudo, são a respeito de uma educação para além dos corpos no mundo. Um mundo pandêmico, um mundo com mais restrições que condições, um mundo caótico, em que os desdobramentos da crise sanitária se complicavam um dia após o outro, sem que pudéssemos ter clareza ou alguma estabilidade sobre o porvir. Tudo era imprevisível e instável.

A saúde dos professores e suas famílias, assim como dos alunos e as famílias deles, precisava ser “subtraída” para dar prosseguimento às outras operações e algorítmicas da escola, do conteúdo e do calendário escolar. Qualquer pessoa que esteve próxima a um educador que precisou atuar nessas condições lembra de suas preocupações em “se manter trabalhando” e todas as problemáticas relativas às orientações das instâncias gestoras da Educação, pois mesmo que figurasse em seus discursos uma indicação de cuidados com a saúde coletiva, apontavam que a Educação não poderia parar, não poderia esperar a vida se reorganizar.

Essa tensão pesou. Ficou nos ombros dos educadores, lhes doeu o pescoço, as costas, o corpo, direcionados para as telas dos computadores ou dos celulares, em tantas horas de trabalho virtual, respondendo aos pais de alunos ou aos próprios estudantes, em suas dúvidas ou na correção das tarefas. Tarefas que eram respondidas a qualquer hora, já que a rotina do tempo na escola havia extrapolado para as 24h da vida do docente. Seu aparelho digital pessoal assumiu, em boa parte dos casos, o lugar do público, sendo requerido a qualquer momento.

Prefácio por Diogo Franco Rios

Esse conjunto de circunstâncias vividas pelos docentes, naqueles vários meses, distribuídos em quase dois anos de distanciamento social, ainda está longe de ser superado ou compensado. Vê-se ainda os efeitos da restrição do acesso à escola e do quanto isso afetou nossos estudantes, e também está longe de ser superado ou compreendido no que se refere ao impacto sobre a vida dos professores, física, emocional e socialmente, que ainda precisam de tempo para se recuperar. Sem uma reflexão mais aprofundada, circulam discursos que impultam aos docentes e demais trabalhadores da Educação a culpa do que não foi possível fazer, e do déficit no percurso de aprendizagem das crianças e jovens.

Mas este livro não é sobre culpa.

Também não é sobre o azar de ser professor em tempos tão duros e pouco sensíveis aos limites e sofrimentos vivenciados por educadores e alunos durante a pandemia. Assim como não é um livro sobre memórias de fracasso ou casos de falência educacional. É um livro sobre Educação. Educação que é feita por pessoas, mesmo que desumanizadas para darem conta de tarefas que lhe são pouco familiares, em tempos absolutamente inusitados e sem antecedentes que pudessem possibilitar uma preparação para melhor enfrentar os desafios educativos de ensinar matemática sem os encontros presenciais, sem as circunstâncias das aulas e de todos os aparatos que há muitos anos nos acostumamos como sendo favoráveis (ou quase) para os processos de ensinar e aprender.

Aqui, gostaria de remeter a Paulo Freire, que, se estivesse vivo na ocasião, e se vivéssemos em um país que desse ouvidos aos educadores para pensar suas políticas educacionais, poderia ter convencido que a Educação não está acima da vida das pessoas. A Educação só faz sentido na vida das pessoas, se as encontra vivas e se favorece que vivam e se amancipem; que a possibilidade de troca de materiais entre docentes e estudantes, viabilizada pelas tecnologias, não supera o papel dos docentes no processo educativo, e que seria preciso pensar a Educação não “apesar da pandemia”, mas uma Educação maiúscula e saudável ante a pandemia.

As memórias que você encontrará neste livro não se pautam numa Educação lidando com a pandemia, mas tratam de uma batalha de cada um dos docentes para sobreviver naquele contexto, e ainda “dar aula” para cumprir o que justificaria o salário. Elas contam de circunstâncias em que se questiona a efetividade daquele processo educativo experienciado e que, de longe, estava aquém da já muito criticada “educação bancária”, que alcançar já teria sido um sonho cor de rosa, se comparado ao que nos foi possível realizar ante às pressões quantitativas impostas e que desprezaram solenemente as condições desiguais e precárias vividas pelos estudantes e professores em tempos de COVID-19.

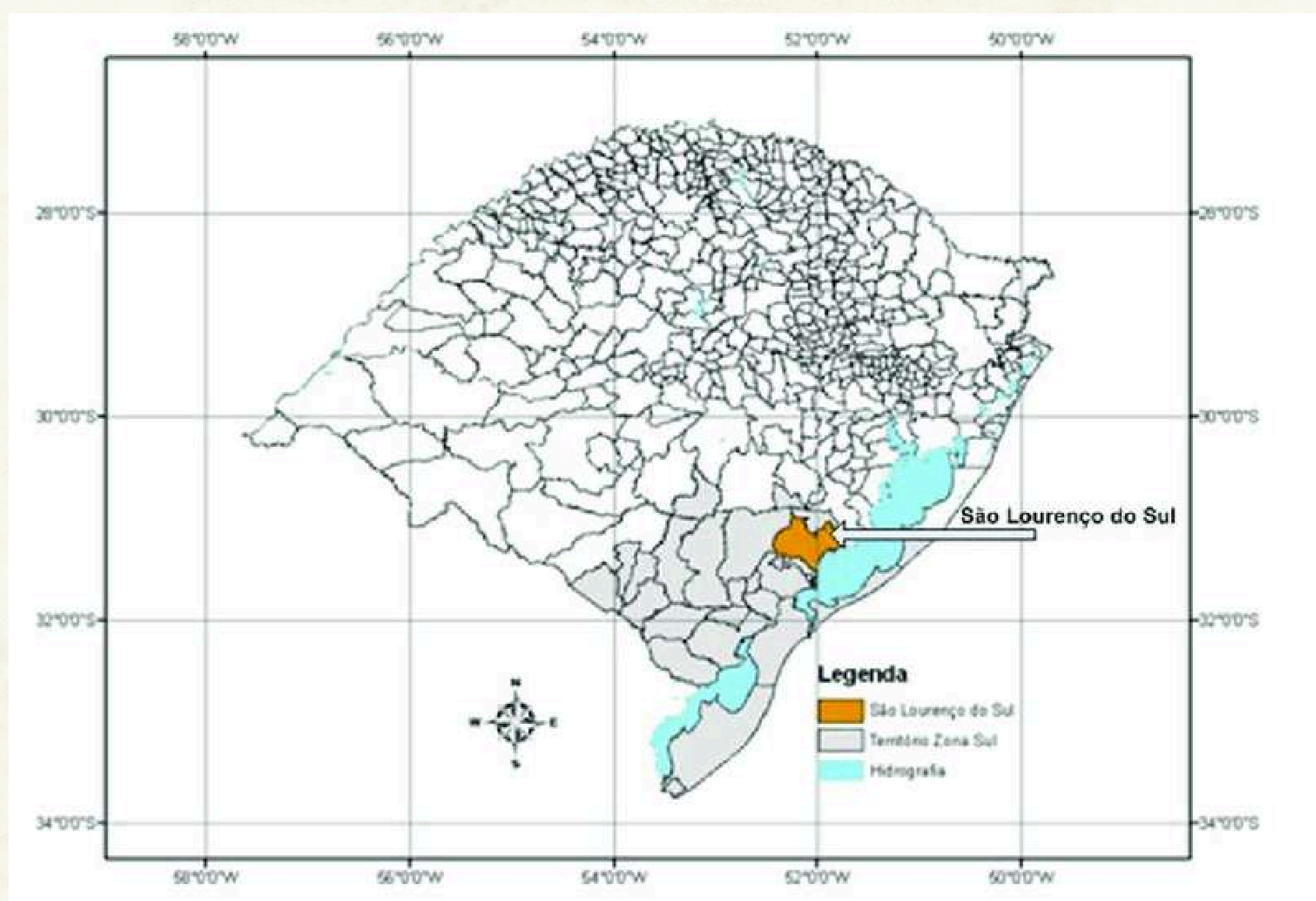
Diogo Franco Rios

Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Dr. em Ensino, Filosofia e História das Ciências (UEFS)

Prefácio por Diogo Franco Rios

Mapa Geográfico do estado do Rio Grande do Sul



São Lourenço
do Sul





Entrevistado:	Professor α (Alpha)
Data de realização:	09 de dezembro de 2021
Local:	Escola onde trabalha - turno da noite
Duração da entrevista:	21' 11"

Entrevistadora: Descreva a sua experiência como docente:

Professor α : Bom... para mim foi bastante... como posso dizer... bem... diferente, difícil até a gente se acostumar.

Entrevistadora: Mas antes da pandemia?

Professor α : Ah, antes da pandemia era tranquilo, aí era tranquilo.

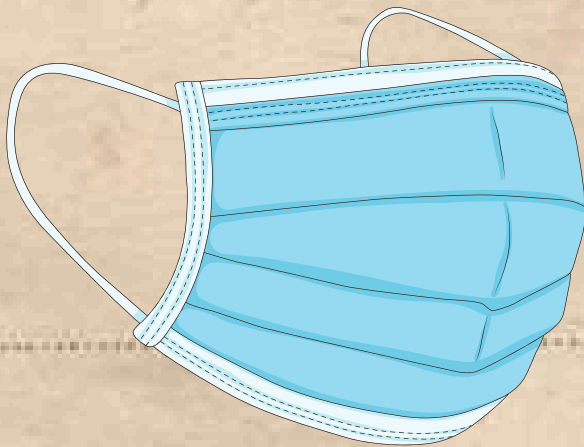
Entrevistadora: Quando você começou a lecionar?

Professor α : Comecei há treze anos. Ainda estava na faculdade, no segundo semestre, quando comecei a dar aula. Fui contratado na rede municipal, né, nesses CIEE. Hoje não pode mais ministrar, mas na época peguei a última leva e já trabalhava quarenta horas lá em 2008, com 18 anos de idade, os alunos quase da minha idade e... trabalhava todas as manhãs e duas tardes e estudava na faculdade à noite. Fiquei dois anos nessa função. Aí depois, nos estágios, e em 2013 eu fui para o Cristal, aí peguei um contrato lá, dei aula de matemática, ciências e ensino religioso no Cristal, um contrato de abril até o final do ano. Em 2014 eu fui nomeado no estado e... peguei um contrato no município também. De lá para cá, 60 horas sempre todos os anos, e em 2015 fui nomeado no município. Então, sempre 40 horas no estado e 20 no município, sempre em sala de aula, em todos os turnos.

Entrevistadora: Quem é o professor?

Professor α : O professor é... ai, que difícil esta pergunta... É... eu procurei ser assim bem humano, essa visão de alunos bem ampla, ver os lados do aluno, né, as dificuldades que eles passam, né, e até o quanto que ele já tem de conhecimento e o quanto que ele está envolvido para ele mesmo, não pelo que eu posso pensar... ah... deveria saber isso para prova, não, ele melhorando, ele progredindo e ele ampliando seus conhecimentos é... é muito importante. E ter essa visão é muito importante, seja um professor de matemática ou seja de qualquer área ou disciplina. O aluno tem

Marcas que ficaram
nos corpos



que sempre progredir para ele mesmo, não precisa competir com outro, tem que melhorar o conhecimento, essa questão cognitiva... essa questão de conhecimento geral até para ele perder. Às vezes tem muitos alunos que são tímidos, né... e ele mudando, assim, ele ter uma postura, ele saber, ele ter uma opinião e ele conseguindo fazer isso e melhorar isso são muito bons e importantes para nós, e isso significa que a gente está fazendo um bom trabalho, independente da disciplina.

Entrevistadora: Conte como são administradas as suas aulas de matemática, assim no sentido de como você dava aula antes da pandemia.

Professor a: Normalmente, né... muito difícil... Eu... ah... ir com alguma coisa assim pronta... Eu sei o que eu vou trabalhar, a gente planeja antes, mas o meu planejamento é mais na cabeça, direto, não tenho muitas anotações, não faço no caderno uma planilha, mas eu sei o que vou trabalhar. Não sigo livro didático, não sigo ordem, eu busco uma coisa dentro da outra, às vezes dentro de um conteúdo já faço ganchos para... misturar os conteúdos e trabalhar conceitos um com o outro. Aí cria problemas na hora, claro, às vezes, quando chegam as aulas paralelas, a gente se obriga a usar um livro ou alguma coisa assim, onde eles consigam ficar trabalhando, né, mas, em geral, é em cima disso, a gente vai debatendo e pega um assunto que às vezes eles entendem e cria os problemas baseados na realidade e no dia a dia que a gente vê, se não é deles, mas eles sabem do que se trata, né, um assunto assim bem fácil para eles, um assunto fácil, né, a gente sempre busca, não adianta escolher temas que eles não fazem a mínima ideia e ter que explicar o que está acontecendo primeiro.

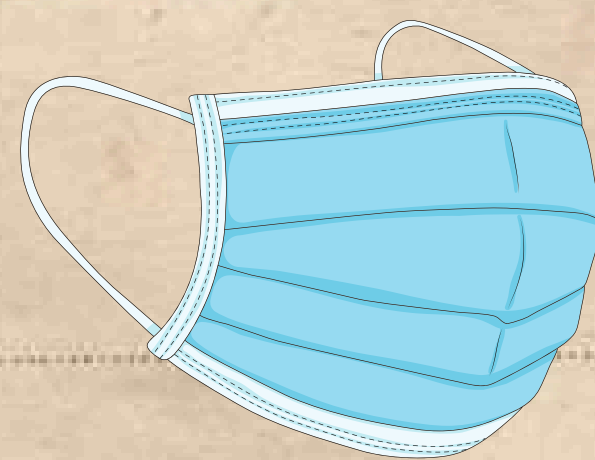
Entrevistadora: O que você usava de tecnologia antes da pandemia?

Professor a: Mais o *PowerPoint* mesmo, assim, quando faz uma apresentação, uma coisa assim dessa parte e... lá mais no ensino médio, depois, a calculadora. E hoje em dia acho que devemos deixar usar a calculadora, no meu ponto de vista, né... claro, como eu digo para eles, o momento que chegam as contas com letras... porque aí agiliza o cálculo, né... mas, é claro, sempre tem que fazer porque no Enem ou outra prova eles não podem usar, então, mas para agilizar o cálculo. Mas tecnologia assim, mesmo, sou bem sincero, usava mais o *PowerPoint* para apresentar alguma coisa ou quando quisessem apresentar, porque isso eu acho muito importante também, mostrar um tema e se eles forem fazer algum trabalho apresentarem porque eles precisam saber falar para o público, não simplesmente ouvir, né, precisa estar do outro lado, ser treinado. Eu acho isso muito importante em todas as áreas, né... não só na matemática.

Entrevistadora: Na pandemia, mudou alguma coisa no ensino da matemática?

Professor a: Ah... eu acho que mudou, claro, tem a mudança também envolvendo a base, né, que mudaram a ordem dos conteúdos, mas o que mudou é que a matemática na pandemia tem que ser muito mais... a explicação, meu ponto de vista, a explicação que você vai dar oralmente para o aluno tinha que passar para o papel e torcer para que eles lessem, porque eles não gostam de ler também, então tem que... eu mesmo trabalhei muito menos conteúdos e a gente não vencida toda

*Marcas que ficaram
nos corpos*



a lista de conteúdos antes da pandemia e na pandemia foi muito menos conteúdo trabalhado e aí, né... eles acabaram se perdendo, digamos assim, aí não adianta aprofundar muito. E agora que voltou presencial, ainda estamos em pandemia, mas com o retorno do presencial a gente vê que tinha pequenas lacunas, coisas assim simples que eles não tinham entendido e que aí então começou a fluir... começaram a entender de novo, então eles precisam de uma explicação que aí nem sempre eles pedem... muitos... até para mim mesmo, poucos alunos que pediam explicação e que participavam das aulas síncronas, então... ah... mudou, eu acho que mudou bastante, que... uma que você não consegue cobrar tanto, uma coisa meio vaga, então eu mesmo tive que trabalhar com cálculos mais diretos, usando problemas bem simples, não muito complexos também porque... justamente por não ter a explicação que o aluno precisa para realizar a ajuda inicial, o pontapé inicial da resolução do problema, então isso mudou bastante, eu acho.

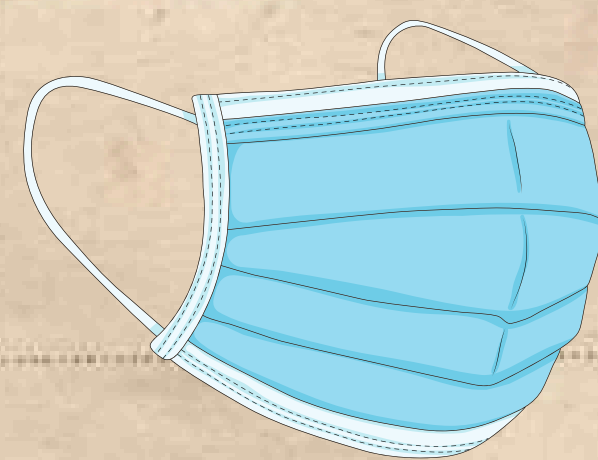
Entrevistadora: E as aulas pelo *Meet*?

Professor a: Com algumas turmas e alguns alunos foram produtivas e com outros não tanto. Aí, na minha experiência, tanto na rede estadual quanto na rede municipal, na estadual tinha turmas que realmente tinham participação, que tinham alunos interessados. Claro, em turmas grandes, poucos, mas quem participava realmente participava das aulas, né. Tem algumas turmas que estavam ali, as pessoas estavam ali assistindo, mas era como se eu falasse com o computador, não tinha interação, então essa coisa assim mais... e na rede estadual, como estava falando, algumas participavam bastante, estavam bem participativas, isso melhorou e ajudou muito para eles. Primeiro não fazia aula pelo *Meet* e aí, quando comecei a fazer assim, eles tinham uma explicação, fazia os *PowerPoints* e compartilhava a tela, mostrava para eles, dava exemplo, aí eles conseguiam pegar fácil o conteúdo. Já na rede municipal, aí tem a questão assim também que... ah... na escola que eu trabalho muitos não têm acesso, não têm como chegar, não têm aparelho, não têm internet, né, então não têm como participar, então aí não foi tão satisfatório para o ensino da matemática, tanto que lá eu e uma colega minha de língua portuguesa nos juntamos nas minhas aulas para conversar porque eles precisavam desse lado humano, desabafar, colocar para fora as suas angústias porque eles se sentiram enclausurados, e aí então eles precisavam de alguém para conversar e aí aproveitamos as nossas aulas para esse lado também. E conversar, né... dúvidas alguns até tinham, mas aí não queriam perguntar também, né, ainda mais que juntamos as turmas, mas foi, né... na medida do possível, se todos tivessem acesso seria bem produtivo, mas como não tem, aí infelizmente, né, paciência.

Entrevistadora: Sobre ainda as aulas no modelo remoto, como foi a sua transição do presencial para o remoto?

Professor a: De início foi bem complicado, né, pensei que eu não sabia mais dar aula porque a sensação que eu tinha é que o que eu... claro, bem no início mesmo... ah... é pouco tempo então, mais desafio, umas coisas mais lógicas, mais simples que eu não aprofundei, aí lá pelas tantas nós tivemos que começar com conteúdos mesmo, então para mim era tão óbvio que aquilo que eu estava colocando assim eles sabiam fazer direto, aí eu comecei aos poucos percebendo que não é bem assim, uma coisa é nós professores, que já sabemos conteúdo “de cor e salteado”,

*Marcas que ficaram
nos corpos*



outra coisa é um aluno que não tem muito interesse nos estudos, tem que fazer tudo em casa também é complicado, então a preguiça toma conta dos adolescentes, a gente sabe disso, né, aí quando não sabem mesmo e tem que estar perguntando para o professor e para eles é demais, então tinha que colocar mais detalhado possível. Os que perguntavam quando simplesmente explicava para eles, né, por mensagem, pois perguntavam pelo *WhatsApp*, eles ainda não entendiam e eu pensei assim: “mas é simples, como que não estão entendendo?” Claro que novamente nós temos prática, eu tenho prática do conteúdo, mas os alunos não, então... tive que começar a mudar, também tive que fazer exemplos ou dependendo do mesmo exercício numa folha, tirar foto da folha, mandar e aí mandar áudio para eles explicando, pedindo que eles acompanhassem no desenho.

Entrevistadora: Vídeo, não?

Professor a: Não, vídeo não, eu não. Só, claro, assíncronas, aqui pelo *Meet* eram gravadas, mas fazer vídeo explicando não fiz nenhum, eu sei que talvez ajudasse, mas não, mas como eu fazia aulas assíncronas aqui na rede estadual, uma semana sim e uma não, e no município a gente não precisava e não tinha essa obrigatoriedade, então não fiz nenhum vídeo, não.

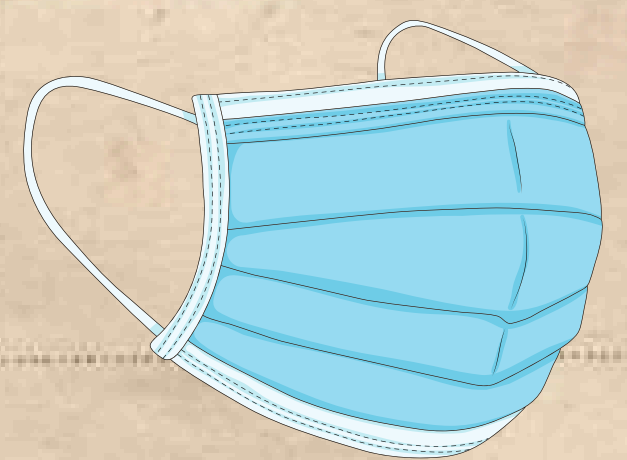
Entrevistadora: Quais foram os desafios encontrados nesses dois anos de pandemia?

Professor a: Praticamente é outra realidade, quem não tinha experiência com ensino a distância, seja como estudante, mas eu fiz a minha faculdade presencial, eu não tinha, para mim era algo extremamente novo, tinha que aprender tudo: era plataforma nova que eu não fazia a mínima ideia como funcionava, então tudo... e a gente se obrigava a digitar tudo porque a gente sabe digitar, né... uhum... que nem as avaliações, né, um trabalho que você vai fazer e uma atividade, exercícios que seja, que a gente está acostumado, agora tem que explicar tudo e ainda colocar sublinhado, destaque em alguma coisa, até o próprio digitar no *Word* também foi mais trabalhoso porque tinha coisas que eu não precisava digitar ali porque isso eu iria falar, escrever no quadro e eles iam copiar e eu ia destacar, e até isso eu tive que aprender de novo. Tive que praticamente aprender a dar aula novamente, então os desafios foram desde... arrumar uma outra maneira de explicar porque uma coisa é você explicar o conteúdo ali trabalhando.

Entrevistadora: Nessa transição do presencial para o remoto, conte um fato que te marcou como docente.

Professor a: O que marcou, assim, pois é... uma coisa é o quanto nós professores precisamos desse contato direto e da proximidade do aluno e quanto o aluno também precisa da gente, coisa assim que ficou gritante porque, quando voltou o presencial, que eles voltaram, que eles entenderam facilmente uma coisa que eles passaram, né... até para eles, né, quem gosta de estudar tem dificuldade depois e acaba não aprendendo, e aí quando volta e tem a explicação assim cara a cara, o brilho no olho e no olhar desse aluno é muito gratificante para nós como professores, e para eles se sentirem bem, eles sentem aí... “eu não deixei de estudar, eu simplesmente tinha as minhas dificuldades, mas eram coisas simples, então eu continuo sendo inteligente, eu sei que sou capaz”. Eles estavam se desmotivando também, sentindo-se frustrados por não conseguirem. São vários alunos que a gente percebe isso, né, essas são coisas. E outra,

*Marcas que ficaram
nos corpos*



né, que assim me marcou muito, tem alunos que a gente já acha assim... ah... é só malandragem, mas só que tem alguns que realmente não têm condições. O que eles apresentam para a gente é uma coisa, mas a realidade que ele tem dentro de casa é outra bem diferente. Que aí a gente consegue ver que ele tem muitos... claro, tem alguns... que não querem mesmo, mas alguns alunos assim que querem estudar vão lá, buscam material na escola, falando mais na escola municipal, e que em casa eles não têm o que fazer e também não podem sair, e então eles vão até a escola só para buscar e ter um motivo para sair, né, porque aí eles têm o que fazer e eles se sentem, e depois eles até comentavam no presencial que eles não aguentavam mais ficar em casa e a realidade deles em casa não tem muito... não tem internet, coisas assim, que é só os dados mesmo que eles pegam, até baixavam no *WhatsApp* as coisas e faziam e passavam tudo para o caderno e se ocupavam. Teve gente que disse: “eu copiei tudo porque eu não tinha o que fazer, então assim, pelo menos o meu dia passava, né”, aí eles mesmos tinham que cuidar dos irmãos menores, eles com doze, treze anos, dez, doze, treze, né, tinham que cuidar dos irmãos menores porque os pais precisavam trabalhar, quando aí eles iam todos para a escola, tinha algum adulto que estava olhando por eles. São coisas assim que a pandemia deixou isso bem gritante e que nossas realidades são bem distintas dentre as duas escolas e dentro da própria escola, tem alunos e alunos na turma... tem alunos que acessam a internet tranquilamente e outros não.

Entrevistadora: Medo, sentiu nesses dois anos da pandemia?

Professor a: Não, não posso dizer que senti medo, assim, claro, aquele friozinho na barriga, assim, de vez em quando... né... que vai ficar gravado à aula síncrona, então aí não podia errar, não podia falar bobagem, tinha que estar assim tudo muito claro também porque, por ficar gravado, vai saber quem vai assistir. Única coisa é isso, do resto assim, não. Claro, a gente... medo não, mas mais cautela, isso sim, muito cuidado com tudo que se faz, tudo que se fala, tudo que recebe de retorno, tinha que ser tudo muito cuidadoso, isso sim, mas medo não.

Entrevistadora: Angústia?

Professor a: Aí sim, tanto que eu tive até que consultar porque fiquei... ah... e me senti preso só em casa, minha pressão subiu, meu colesterol subiu, me obriguei a ir para a academia, tive que mudar a minha rotina... e... obrigado... fui obrigado a mudar de [silêncio] isso me deixou angustiado sim, fiquei... bah... teve uns dias assim que... muito mal, precisava ir um final de semana sim e um não para fora, na minha irmã, nem que eu ia sozinho.

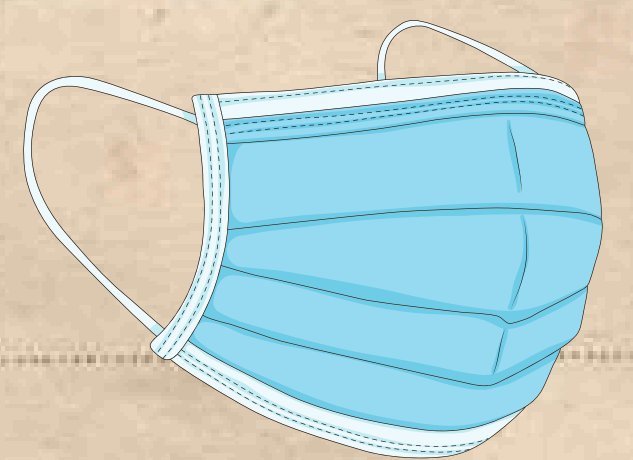
Entrevistadora: Mas não teve mais complicações nesse sentido?

Professor a: Não, isso não, eu tive que cuidar da minha pressão lá nas alturas, corri o risco de ter que tomar remédio, mas sobrevivi bem. Graças a Deus, não foi tanto.

Entrevistadora: Como a sua família lidou com a questão da pandemia?

Professor a: Com cautela também, com todos os cuidados, assim, mas foi bem tranquilo, assim. É claro, a gente pegou Covid-19, teve sintomas, mas eu não tive sintomas, os que tiveram foram

Marcas que ficaram
nos corpos



leves, graças a Deus. Ninguém precisou de hospital, nada, né. E com todo respeito, se os protocolos foram feitos para serem seguidos, então isso tinha que cuidar sempre, na medida do possível. Claro, eu tinha que ir lá para a minha irmã por questão de saúde, mas a gente também mantinha os cuidados

Entrevistadora: Alguma expectativa para o futuro na educação?

Professor a: A questão das plataformas, eu acredito que isso veio para ficar, né, que isso vai embora, e aos poucos vai retornando cada vez mais presencial, mas o uso das tecnologias veio para ficar. Tem muita coisa nova, assim, ideias novas que a gente vai acabar seguindo, e eu acho muito produtivo o uso da tecnologia, por isso que essa é uma coisa, assim, que eu tenho que vai ficar, mas tomara que volte logo o presencial porque eu sou do ensino presencial, do cara a cara, tudo ali com o aluno, com essa interação.

Entrevistadora: Descreva como foram as suas aulas nestes dois anos de pandemia e de aulas remotas. Você precisou mudar na maneira de lecionar?

Professor a: As aulas neste período remoto de pandemia, eu tive que mudar muito a maneira de lecionar porque não podia simplesmente mandar atividades aos alunos que eles não iam conseguir fazer sozinhos, porque eles precisariam da explicação e como não estava ali com eles na sala, no quadro, então eu precisei adaptar, e no começo foi bem difícil, mas depois acabei pegando o jeito, digamos assim. Muita aula pelo *Meet*, mesmo que nem todos tinham acesso e nem todos participavam, os que podiam participar foi bem produtivo e achei bem legal, aí sim, pega um conteúdo explicado direitinho, digitei tudo nos slides para ficar organizado e colorido para eles entenderem, eles podem ver e rever várias vezes... tinha a questão da gravação das aulas para eles assistirem depois se precisassem e depois listas de exercícios bem mais tranquilos, nada muito complexo, problemas não muito complicados no qual eles não conseguiam responder sozinhos.

Entrevistadora: Encontrou dificuldades?

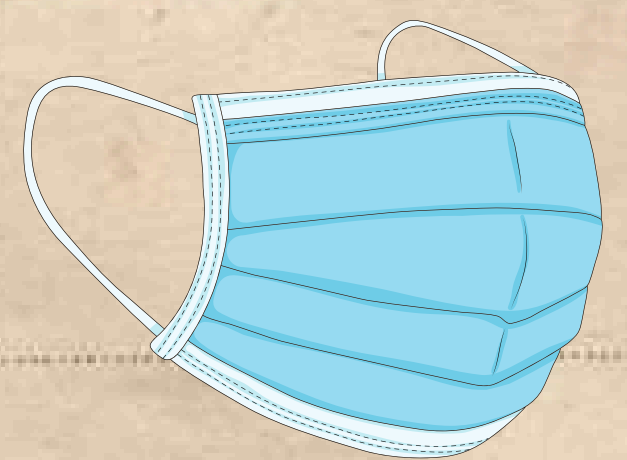
Professor a: Os alunos, muitos não poderiam participar, falando principalmente da rede municipal, muitos não tinham celulares, usavam o celular dos pais que estava trabalhando de dia e aí não podiam. A gente fazia as minhas, que eu fiz foi junto com outros professores na rede municipal, até para entre nós professores nos auxiliar, e aí não precisarem ter tantas aulas, como se fosse um projeto para ter várias aulas, porque todo o dia ter aula pelo *Meet*... porque não tinham internet ou dados móveis ou coisa assim, ia complicar muito mais do que fazer interdisciplinas com mais professores juntos.

Entrevistadora: Você acredita que nas aulas remotas teve melhora para os alunos?

Professor a: Consequentemente, não posso dizer que teve uma melhora por parte dos alunos. Aqueles alunos dedicados que faziam tudo foi tranquilo, agora os outros, o nível de ensino baixou bastante, deu uma regredida bem grande nessa parte.

Entrevistadora: Você auxiliou os seus colegas professores na pandemia? Nas aulas remotas?

Marcas que ficaram
nos corpos



Professor a: Onde eu consegui auxiliar e dar dicas para colegas, assim como eu fazia até quando os alunos me perguntavam pelo *WhatsApp*, exercícios parecidos ou tirava uma foto da folha e mandava para eles, e vi que colegas também faziam assim.

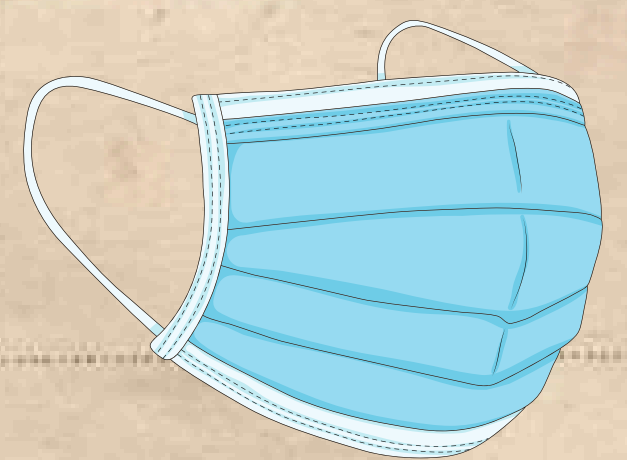
Entrevistadora: E para completar... o que diria?

Professor a: Paciência, empatia, tentar se colocar no lugar do aluno que ficou dois anos sem estudar, sofrendo com as dificuldades de ensinar, já não tinha muito interesse antes, agora então, com a pandemia... a gente teve que ensinar esse aluno, tem que ter calma e tentar resgatar o máximo possível, não adianta a gente se preocupar em vencer conteúdo se o aluno não está fixando conteúdo, vamos com calma, vamos um passo de cada vez, então é por aí. Independente de disciplina, esse aluno sofreu, assim como nós professores, ficamos ansiosos, trancados dentro de casa, queríamos sair e não podíamos, o aluno também sofreu, não podia visitar seu amiguinho, seu coleguinha, então isso para ele foi difícil também, temos que ver este lado, temos que trazer este aluno de volta para a sociedade, tirar aquele mundinho dele trancado dentro de casa, então por isso essa questão humana tem que ser muito bem trabalhada em sala de aula para que aquele aluno que já era tímido, ficou trancado estudando sozinho, e aí agora tem que estudar com outros, uns aprenderam um pouco mais e outros ficaram com dificuldades, então tudo isso nós temos que ter dos nossos alunos.

Entrevistador: O que diz o seu corpo nas aulas de matemática no período da pandemia?

Professora a: Desta parte, o sentimento é ansiedade, a gente fica frustrado porque a gente queria trabalhar muito mais com o nosso aluno e não tinha como, o aluno não tinha acesso... sensação de estar deixando a desejar porque a gente poderia fazer um pouco mais, mas a gente ficava com as mãos amarradas, não tinha como ajudar mais que isso, era uma via de mão dupla, não adiantava só o professor se desdobrar se o aluno não queria. Outra parte física, lá no início de 2020 tive alteração da pressão do meu colesterol em função de ficar muito tempo em casa, tive que me readaptar nestas questões também, mas depois eu fui me acostumando. Meu corpo físico, eu me obriguei a ir à academia porque fiquei muito tempo parado só dentro de casa. Como disse antes, minha pressão subiu, então precisei fazer atividade física, o que foi de certa forma bom, saí um pouco mais do sedentarismo, e a parte emocional, assim, a ansiedade bateu por eu ficar muito em casa, por ser muito comunicativo, estar sempre com as mesmas pessoas, estar com medo de pegar Covid-19 e de passar para alguém e de se agravar a situação, e aos poucos a gente foi melhorando isso, tanto na questão física quanto na questão psicológica, e trabalhando isso em mim mesmo, que tudo iria passar bem, tudo iria se resolver bem, e foi mais ou menos assim.

Marcas que ficaram
nos corpos



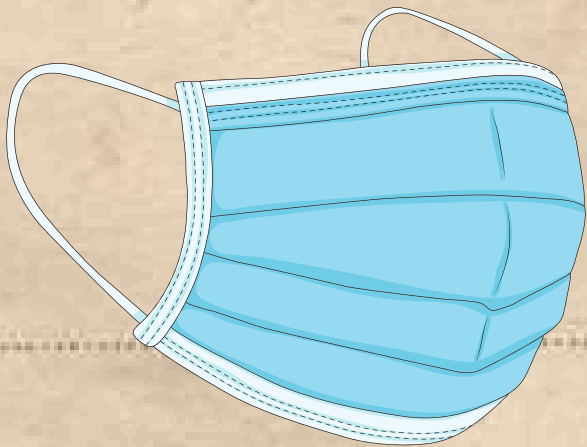


Entrevistada:	Professora y (Gama)
Data de realização:	21 de dezembro de 2021
Local:	Casa da professora
Duração da entrevista:	1h 7'19"

Entrevistadora: Quem é a professora e como chegou à profissão?

Professora y: Sempre gostei de matemática na época de estudante, mas na verdade nunca pensei em ser professora. Gostava da disciplina e sempre fui uma aluna esforçada, mas nunca me imaginei atuando na área. Morava no interior na época do ensino fundamental e do ensino médio, estudava e também ajudava os meus pais nas atividades rurais. Depois que me formei no Ensino Médio, comecei a trabalhar em uma farmácia no centro da cidade, passando a morar perto desse local. Com o passar do tempo, comecei a me inscrever para concursos públicos. Fiz um concurso para nível médio na área da saúde na minha cidade, onde fui chamada para assumir o cargo após alguns meses. Nessa mesma época, apareceu a oportunidade de cursar a faculdade a distância de matemática e, como eu queria uma graduação, pois muitos concursos exigiam o grau de nível superior, resolvi fazer a inscrição. Me inscrevi e fui selecionada, por meio de vestibular, para cursar a Licenciatura. Continuei realizando outros concursos durante a faculdade e, depois de alguns meses trabalhando na área da saúde, fui chamada para outro concurso, também de nível médio, mas para uma empresa federal. Tive a sorte de ser selecionada para a minha cidade, então conciliava o serviço e a faculdade. Muitas vezes, ficava até tarde estudando, o que me deixava bem cansada durante o dia. No finalzinho da faculdade, eu engravidei e tive a minha pequena no dia da minha formatura. E no finalzinho da minha licença maternidade, em final de 2015, surgiu a oportunidade de realizar o concurso para professor(a) no meu município. Resolvi fazer por experiência. Não consegui estudar muito por falta de tempo, devido aos cuidados com a minha bebê. Mas fiz e fiquei bem colocada. Fiquei em segundo lugar e depois, com os títulos, fiquei em terceiro lugar. Retornei da licença maternidade no início de 2016 e até esse momento eu sempre pensava que, se me chamassem, eu não trocaria de trabalho, pois o salário da empresa onde eu estava era melhor, plano de saúde e outras vantagens também eram melhores. Em agosto de 2017 me chamaram para assumir o cargo de professora de matemática. Fiquei bem na dúvida em qual decisão tomar, tinha a minha filha pequena que exigia bastante atenção e tempo. No trabalho, muitas vezes fazíamos hora extra. Sabia que como professora teria mais tempo livre, mas por outro lado, as vantagens financeiras eram melhores na empresa em que eu atuava no momento. Mas por fim decidi assumir o novo cargo, viver essa nova experiência e também aproveitar mais o tempo com a minha filha (pois assumi o concurso de 20 horas). Passei a trabalhar em uma escola na minha cidade, e fui me adaptando. Não vou dizer que cheguei e me

Marcas que ficaram
nos corpos



encantei pela profissão... hoje eu gosto bem mais, me identifico bem mais nessa área do que no início da carreira, quando não tinha experiência. Fui bem recebida pela equipe diretiva da escola, os alunos eram bem queridos também, mas muitos tinham bastante dificuldade. Hoje, mais experiente na área, tenho certeza que fiz a escolha certa, não me arrependo de ter feito a troca de emprego, estou gostando bastante. Eu sou uma professora calma, procuro explicar bastante, não me importo de explicar em aula quantas vezes forem necessárias. Gosto do que faço, procuro fazer as coisas certas, não costumo faltar ao serviço, procuro ter um bom relacionamento com os alunos e colegas... claro que, uma vez ou outra, acontecem algumas situações em que discordamos dos que estão ao nosso redor, mas nada fora da normalidade, tudo sempre é resolvido com diálogo.

Entrevistadora: Quantas horas você trabalha?

Professora y: Até a gente retornar da pandemia eu estava com 40 horas: 20h de concurso e 20h de convite. Por ter retornado ao modo presencial, eu tive que deixar 5 horas por motivos de horários paralelos em duas escolas. Sempre trabalhei as 20 de concurso e algumas horas de convite, tirando o período que logo assumi o concurso, que foi no finalzinho de 2017. Em 2018 já recebi convite. Aí foi na empresa, saí um pouquinho da minha área, mas foi uma experiência boa também. A partir de 2019, foram todas as horas na minha área.

Entrevistadora: Isso é bom, sinal que somos reconhecidos.

Professora y: Sim, para o próximo ano a equipe diretiva da escola perto da minha casa já me convidou para atuar as 40h aqui.

Entrevistadora: Que bom, bem pertinho da sua casa.

Professora y: Sim... é pertinho, e eu gosto bastante daqui e lá na escola eu também gostei bastante, na verdade eu pedi transferência da primeira escola para cá, por causa da distância. Ia de moto no inverno, às vezes estava chovendo. O carro sempre ficava aqui em casa, para levar a pequena para a escolinha, e quem acabava indo de moto era eu. Quando eu ainda estava na minha primeira escola, eu recebi convite para 10h aqui, na escola perto de casa, então pedi transferência porque era muito prático, dá para ir a pé, é bem pertinho.

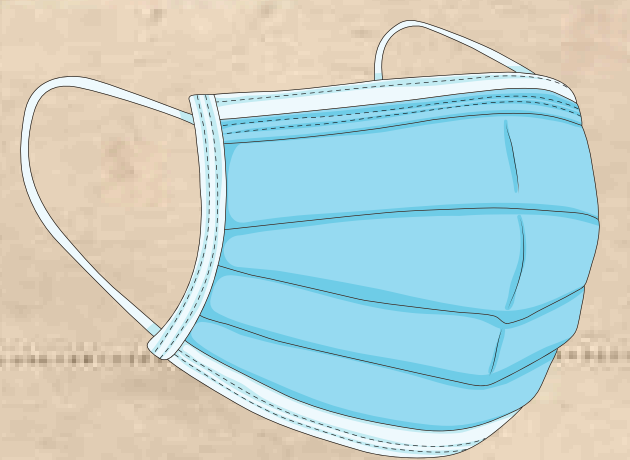
Entrevistadora: Antes da pandemia, você usava alguma tecnologia como professora?

Professora y: Ah... tecnologia digital, né?

Entrevistadora: Sim.

Professora y: No primeiro ano (2017), não lembro de usar praticamente nada... no finalzinho de agosto até dezembro, foi mais para concluir o ano. Depois, em 2018, eu tentei inserir alguma coisa. Usei o QR Code, fui convidada a realizar um curso com a professora da UFPEL e acabei usando os conhecimentos adquiridos nesse curso em sala de aula. Os alunos gostavam bastante, era sobre a leitura dos códigos e a devida marcação dos pontos lidos no plano cartesiano. Apliquei nas duas escolas em que estava atuando na época, em 2018, foi bem legal. Essa

Marcas que ficaram
nos corpos



professora que me convidou a participar do curso criou essa atividade. Ela criava a atividade e eu e mais dois colegas (também convidados por ela) aplicávamos nas escolas em que atuávamos. Os outros colegas não eram da minha cidade. Outra tecnologia usada foi o *GeoGebra*, com uma turma do nono ano, também sobre a marcação de pontos no plano cartesiano. Na primeira escola que atuei como professora, tinha que adaptar muitas coisas. Eu levava o *notebook*, emprestava meu celular, levava o *tablet* da minha pequena. Alguns tinham celulares, então eu pedia para levarem e ia adaptando. Quem não tinha, sentava em dupla e como as turmas eram pequenas, dava para adaptar bem. Na escola aqui perto de casa muitos tinham celulares.

Entrevistadora: Lá não tinha laboratório de informática para usar?

Professora y: Tinha, mas somente um computador que funcionava. E em 2018 a senha da internet ainda não era liberada para todos. Acho que agora já estamos em outra realidade, acredito que a maioria das escolas já libera a senha da internet para os alunos usarem. Outra tecnologia usada foi uma pesquisa realizada pelos alunos do sétimo ano. Foi trabalhada porcentagem e gráficos, através dessa pesquisa. Cada grupo elaborou algumas perguntas, o tema era livre: sobre escola, ou preferência de alguma coisa: música... Entrevistaram os alunos das outras turmas, distribuíram um papel com as perguntas em todas as turmas, recolheram as respostas e depois montaram os gráficos no *Word*. Pedi que fizessem uma introdução, um desenvolvimento onde inseriram os gráficos da pesquisa gerados no *Excel* e uma conclusão. Gostaram bastante de realizar esse trabalho, embora a maioria se assustou com o trabalho no seu início, por não conhecerem muito a parte de inserir gráficos no *Word*. Levei meu *notebook*, a escola emprestou um e foi solicitado para alguns alunos que tivessem, que levassem. Na maioria das vezes, tem que se dar um jeito para adaptar essas atividades com tecnologia digital. Na escola aqui perto tem um laboratório de informática precário também, não sei dizer quantos computadores funcionam, acho que somente um.

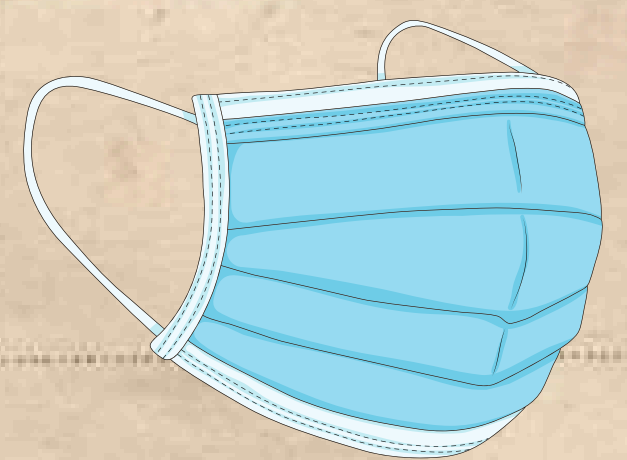
Entrevistadora: Depois da pandemia, mudou o uso das tecnologias? O que aconteceu? Aumentou mais?

Professora y: Sim, aumentou bastante. Tanto que depois da pandemia disponibilizaram a senha da internet para todos, pelo menos na escola que atuo atualmente. Os alunos usam bastante o celular. Aqueles pedidos para guardarem o celular o tempo todo diminuíram bastante. Claro que muitos alunos usam às vezes para entrar em suas redes sociais, em vez de usar somente para realizar as atividades solicitadas. Mas como o número de alunos está reduzido, pois estamos trabalhando com “bolhas”, está mais fácil de fazer esse controle do uso do celular. Deixo usarem nesse momento porque o grupo de alunos que está em casa, também está usando. Um exemplo do uso em sala de aula: divisão de decimais, se alguém já fez, confere na calculadora do celular o resultado. Eles faziam, ou tentavam fazer, e depois conferiam os resultados na calculadora. Usei novamente na marcação de pontos no plano cartesiano (*GeoGebra*). Posso dizer que nesse primeiro momento de pós-pandemia, com as turmas reduzidas, foi boa a experiência de deixá-los livres com o uso do celular.

Entrevistadora: A escola não aumentou os computadores?

Professora y: Ela aumentou a velocidade da internet, todo mundo tem acesso. Eu achei maior o

Marcas que ficaram
nos corpos



interesse dos alunos em aprender, não sei se pelo retorno pós-pandemia, internet, ou se pelo grupo pequeno de alunos, ou o conjunto todo.

Entrevistadora: E das aulas remotas, o que achou?

Professora y: Achei bem difícil, no início eu fiquei um pouco perdida, acho que todo mundo ficou, né...

Entrevistadora: Era o *Meet* que usavam?

Professora y: Era o *Meet*. Só que eu usei bastante o *Meet* neste ano de 2021, porque acho que no ano passado ninguém sabia como agir direito, qual a melhor e mais justa maneira de dar aula. No ano passado, eu não fiz aula no *Meet*. Muitos alunos não tinham acesso à internet em casa, então se optou por aulas através do *WhatsApp*, ou, para quem não tinha acesso, buscava o material impresso na escola. Não se fez aula pelo *Meet* para não excluir os alunos que não tinham acesso à internet. Eu montava as aulas baseada no que aprendi na faculdade: indicava *links* de vídeos explicativos ou eu mesma fazia e salvava no *YouTube* e deixava o *link* para eles, fazia *print* de explicações e aplicava exercícios. Na próxima aula postava a correção. Às vezes, postava vídeo daquela correção.

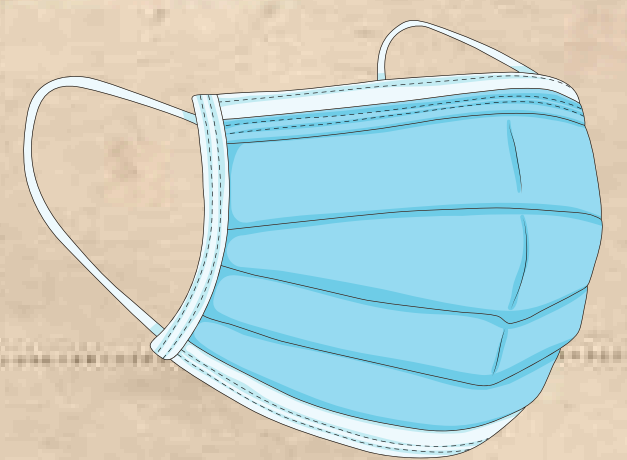
Entrevistadora: Tudo pelo *WhatsApp*?

Professora y: Até o início desse ano, sim, depois foi sendo inserido tudo na plataforma (Educarweb). E neste ano, além do mesmo modelo de aula do ano passado, recebemos ordens de realizar aulas também pelo *Meet*. Eu achei que este ano melhorou bastante a qualidade do ensino para aqueles que tinham acesso à internet. Muitos gostavam, sempre participavam, mas muitos não participavam também. O retorno dos exercícios muitas vezes era demorado. Os professores corrigiam algumas atividades pelo *WhatsApp* ou pela plataforma, ou ainda, buscavam na escola e corrigiam manualmente. Acredito que para esse último grupo de alunos, foi bem mais difícil acompanhar os conteúdos.

Entrevistadora: Você acha que os alunos aprenderam?

Professora y: Olha... Tinha uns que perguntavam muito, aqueles acredito que sim, pois as perguntas eram coerentes. Tinha outros que mandavam as coisas feitas, mas acho que não aprenderam porque muitos procuravam as coisas resolvidas na internet, muitos disseram depois (no presencial) que pesquisavam na internet as respostas prontas dos exercícios ou que alguém da família fazia para eles... Há pouco tempo dei aula de reforço para uma aluna do ensino médio e ela estava vendo funções do 1° e 2° graus e ela não sabia nada da Báskara. Até fui olhar nas minhas anotações, pois dei aula para ela no 9° ano e ela estava com todos os retornos anotados como feitos. Passei algumas funções do 2° grau para ela, que exigiam o desenvolvimento por Báskara, mas no primeiro momento, ela não sabia nem identificar o “a”, “b” e “c”. Algumas aulas no *Meet* eram cansativas: eu ficava uma hora ali e só eu falava. Eles diziam que não tinham nenhuma dúvida, mas era porque estavam totalmente perdidos. Um e outro perguntavam alguma coisa, mas eram poucos. Em muitas aulas, eu falava o tempo todo sozinha e eles só escutavam.

Marcas que ficaram
nos corpos



Entrevistadora: Isso te desmotivou?

Professora y: Sim, o carinho dos alunos através das telas era um ponto positivo, mas muitas aulas foram exaustivas pela falta de participação ativa dos alunos. Muitas vezes, tinha que pedir para alguns abrirem as suas câmeras. Algumas vezes, terminava a aula e alguns continuavam logados, sinal de que não estavam ali em tempo integral. Aqui na escola aconteceu um caso em que um aluno entrou com um nome fictício e atrapalhou a aula, escrevendo algumas bobagens por mensagem durante a aula *online* (mas não foi na minha aula, não recordo em qual disciplina ocorreu esse fato). A escola logo decidiu proibir esse tipo de nome, passamos a aceitar somente os nomes dos alunos para assistir às aulas.

Entrevistadora: Você usava tecnologias no modelo remoto?

Professora y: Sim, eu usei o *GeoGebra*. Também gravava os vídeos através do *PowerPoint*, colocava as imagens, colocava a explicação e depois eu gravava a explicação com a minha voz e gerava o vídeo. A gente não teve nenhuma preparação anteriormente, cada um foi aprendendo e um professor ajudava o outro na medida do possível. Esses vídeos eu salvava no *YouTube* e mandava somente o *link* para não sobrecarregar os celulares dos pais, depois comecei a disponibilizar na plataforma. Dá para ver o total de visualizações, e na grande maioria das vezes, eram bem poucos os que assistiam. Usei muito o *Google Forms*, muitas das avaliações foram elaboradas nele.

Entrevistadora: Quais foram os desafios encontrados nesse processo remoto? O que você achou mais difícil?

Professora y: [silêncio]

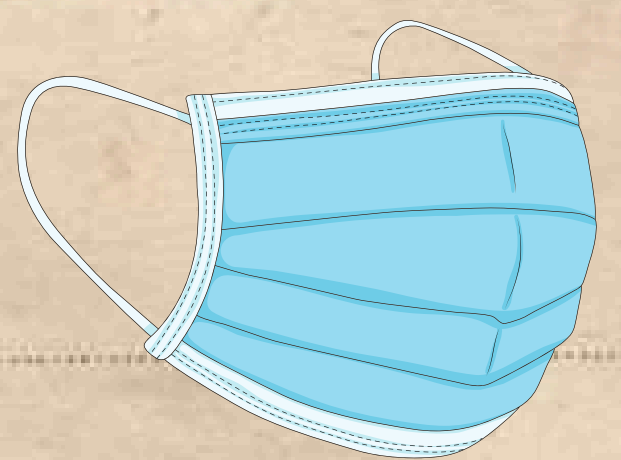
Entrevistadora: Vai pensando.

Professora y: No período remoto foi tudo um aprendizado, a elaboração das aulas, a melhor forma de avaliar o aluno, saber quem realmente aprendeu e quem não aprendeu. Acredito que ano que vem vai ser bem difícil. A princípio a gente volta ao modo presencial, e acredito que a disparidade de conhecimento dos alunos vai ser muito grande.

Entrevistadora: Quais foram os seus sentimentos em relação ao dar aulas neste momento?

Professora y: Eu estava tranquila em relação ao medo da pandemia (COVID). [Silêncio] Quando estipularam aqui na cidade que todo mundo deveria ficar em casa, eu segui as orientações recomendadas. Não que eu tivesse muito medo, sempre pensei que o que era para ser, é pra ser, se eu tivesse que pegar, pegaria, sempre fui bem tranquila quanto a isso. Foi um pouco estressante no início, ali por março. Quando as aulas presenciais foram trancadas, pensei que não seria por muito tempo, acreditava ser até a Páscoa... Quando sentia falta de sair um pouco de casa, colocava a máscara e dava uma voltinha na praia, normalmente por volta do meio-dia, quando tinha menos movimento. Até a Páscoa foi tranquilo na escola, fomos realizando revisão dos conteúdos. E como era revisão, os alunos não tinham muitas dúvidas. Quando veio o aviso da

Marcas que ficaram
nos corpos



escola que não iríamos retornar ao modo presencial e teríamos que seguir com os conteúdos, confesso que gerou um certo estresse em como realizar essas aulas com conteúdos novos. Nunca entrei em pânico, mas o fato de estar só em casa, de perder a sua rotina, de parar de ver pessoas, de parar de conversar com os colegas da escola e com os alunos, gerou um pequeno estresse. Com a nova rotina, tinha dias que eram bons e outros nem tanto. Às vezes conversava com as colegas por telefone, os alunos conversavam pelo *WhatsApp*, diziam que estavam com saudade da escola, às vezes diziam que entendiam os conteúdos, outras vezes notava que não entendiam. No início, parei de ir para fora, na casa dos meus pais, até para protegê-los. Com o tempo, passei a voltar a visitá-los, a pedido deles mesmos. Tentei me adaptar nessa parte também, indo visitar somente as pessoas mais próximas: pai e mãe e irmãs, mas... foi um pouco difícil. Não é que isso me adoeceu, mas teve um período de estresse, de não aguentar mais ficar só em casa, de ter que elaborar aula e você não ter vontade de sentar na frente do *notebook*. Pequenas coisas geravam estresse às vezes, por exemplo: quando eu estava gravando um vídeo e um cachorro começava a latir sem parar, tinha que parar e começar tudo de novo. Parei de ver TV, porque eram só notícias ruins, acredito que isso não estava fazendo bem para ninguém.

Entrevistadora: Algum medo na pandemia?

Professora Y: Não... eu sempre fui tranquila nesta parte.

Entrevistadora: Alguma angústia?

Professora Y: O contato com pessoas eu senti muito, mas colocava a máscara e ia dar uma volta na praia de bicicleta. Eu sempre fui de trabalhar, de sair e isso eu senti falta. Tive suspeita de estar com COVID em um momento, logo fiz o teste, mas deu negativo.

Entrevistadora: Como a sua família lidou com a pandemia?

Professora Y: A minha família é bem tranquila.

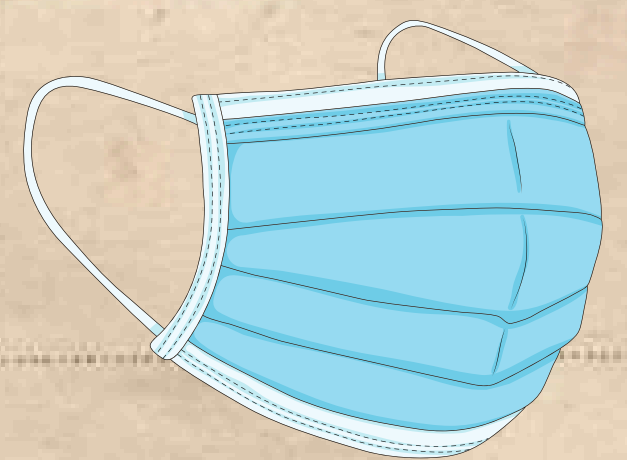
Entrevistadora: Um fato que te marcou neste período?

Professora Y: [silêncio] Teve coisas que aconteceram, mas é bem pessoal, que foi o divórcio, mas não foi por causa da pandemia. Foi uma separação bem tranquila até, tanto que a gente se dá super bem. A pequena fica aqui e fica lá. Em relação às aulas: durante a pandemia te confesso que não gostei, levo tudo para o lado positivo. Mas prefiro mil vezes estar em sala de aula e dar aula no modo presencial. Poder retornar foi uma coisa que me fez muito bem, voltar à rotina foi uma coisa muito boa. Durante as aulas remotas, acredito que o que marcou foi o reconhecimento de alguns alunos, os agradecimentos pelos nossos esforços, coisas desse tipo, que me deixavam bem. Coisas simples assim: um pai/mãe ou um aluno te mandava uma mensagem dizendo que adorou a aula no *Meet*, que com a aula entendeu os conteúdos.

Entrevistadora: O que você espera do futuro como professor?

Professora Y: Espero que melhore muito. Às vezes até penso em fazer outros concursos. Inscrevi-me para o Banco do Brasil, mas não estudei. Mas não vou ser mais feliz no banco, mesmo

Marcas que ficaram
nos corpos



ganhando mais, porque eu estou gostando bastante de dar aula, o lado ruim é a questão financeira, desvalorização. Na pandemia teve os comentários que professores não faziam nada: essas coisas que me deixavam triste. Eu espero que sejamos valorizados. Concluí minha especialização à distância: Especialização de Conteúdos da Matemática. Espero, também, que as escolas tenham mais recursos para ajudar a proporcionar aulas melhores.

Entrevistadora: Descreva como foram as suas aulas nestes dois anos de pandemia e de aulas remotas.

Professora y: No ano de 2020 eu montava as aulas em PDF, com *links* de vídeos do *YouTube* ou meus próprios vídeos. Fazia *print* das explicações dos livros e de atividades. Na próxima aula, corrigia os exercícios. Também atendia os alunos pelo *WhatsApp*, onde a explicação era digitada ou por áudios e, quando necessário, fazia chamada de vídeo individual. Às vezes gravava uns vídeos das correções dos exercícios e mandava para os alunos no grupo de *WhatsApp* da turma. Em 2021, segui este mesmo modelo de aula (com a diferença que as postagens foram sendo feitas na plataforma Educarweb ao invés do *WhatsApp*), e uma vez por semana, chamava cada turma no *Meet*. Na aula no *Meet* era feita a explicação de conteúdos novos ou era feita a correção dos exercícios que eu tinha dado na aula anterior. Porém, se fosse feita a correção dos exercícios dados, a mesma também era disponibilizada por foto para aqueles que não podiam assistir no *Meet*.

Entrevistadora: Você precisou mudar na maneira de lecionar?

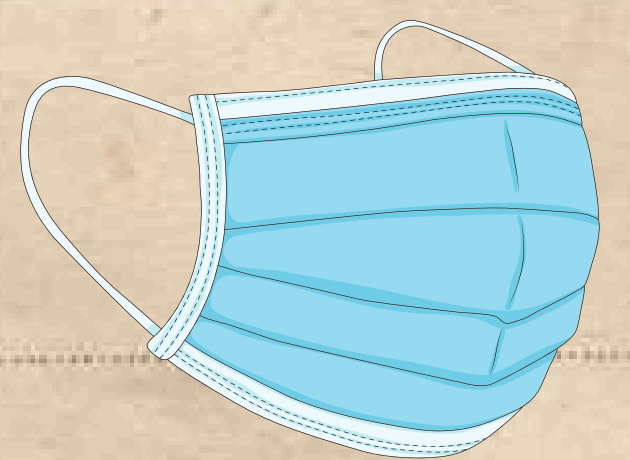
Professora y: Eu acredito que sim, porque a gente teve que buscar muitas alternativas. Vídeo no *YouTube* era alguma coisa que eu não costumava indicar. Hoje eu continuo indicando, disponibilizo *links* do *YouTube* para eles assistirem em casa. O *Meet* acredito que é uma maneira legal de adaptar uma hora que a gente precise e queira fazer alguma coisa a mais e dá para se trabalhar bem de casa com essa ferramenta, acredito que uma hora ou outra ainda vou usar, mesmo voltando ao presencial.

Entrevistadora: Encontrou dificuldades?

Professora y: Bastante, muitas na verdade. Me refiro à parte de sanar as dificuldades dos alunos. Eu tinha dificuldade de encontrar as dificuldades deles, às vezes eu achava eles um tanto quanto perdidos e não sabiam nem o que perguntar. Agora no presencial a gente nota bem as dificuldades deles. É bem diferente esse contato presencial do que à distância, muitos não perguntavam no *Meet* por vergonha ou talvez por outros motivos. Não sei se as formas que eu usei foram as melhores, acredito que eles tiveram bastante dificuldade de entender, principalmente no ano de 2020, que não fiz as aulas pelo *Meet*. Em 2021 tinha aulas em que estava com alunos que eram mais comunicativos, que perguntavam bastante, a aula se desenvolvia bem, de uma forma bem semelhante ao presencial. Mas tinha outras aulas que os alunos não perguntavam, não interagiam. Dependia muito dos alunos que acessavam a aula.

Entrevistadora: Você acredita que nas aulas remotas teve melhora para os alunos?

Marcas que ficaram
nos corpos



Professora y: Acredito que, de modo geral, não, acredito que teve um grande atraso na aprendizagem, dá para notar agora no retorno deles, no presencial. O que considero bom é esta busca pelo conhecimento de forma mais independente. Exemplo: procurar vídeos no *YouTube* por conta, explicações na internet.

Entrevistadora: Como amparou os alunos nas aulas remotas? Sugestões e dicas.

Professora y: Foi por meio de *WhatsApp*. A grande maioria das dúvidas foram por áudios no *WhatsApp* ou explicações digitadas. Com o tempo, passei a gravar bastantes vídeos meus, tanto de explicações de conteúdo, como de correções de exercícios.

Entrevistadora: Você auxiliou os seus colegas professores na pandemia? Nas aulas remotas?

Professora y: De certa forma, sim, a gente sempre trocava ideias, sempre conversava bastante. Quando foi inserida a plataforma, onde deveriam ser inseridos todos os conteúdos, os documentos e o planejamento, teve professores que tiveram dificuldades de como manusear essas ferramentas na plataforma. Eu auxiliei alguns colegas, assim como também recebi ajuda de coisas que não sabia, foi uma troca de aprendizagem entre os professores.

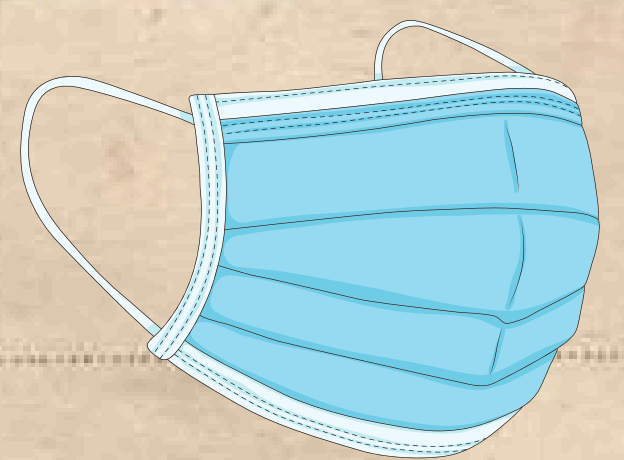
Entrevistadora: E para completar, o que diria?

Professora y: Vou falar do ponto positivo. Acredito que o que dá para se levar de bom no ensino das aulas remotas foi essa busca pelo conhecimento de forma independente, acredito que alguns alunos já se aprimoraram bastante neste aspecto de ensino/aprendizado à distância. Quando eu fiz a minha faculdade de matemática a distância, com vinte e tantos anos, tudo foi novidade: conheci uma plataforma, iniciei a assistir e procurar vídeos no *YouTube* por conta, comecei a fazer isso tudo na época da faculdade e a maioria dos meus alunos já tiveram essa base de ensino nestes dois anos de pandemia. Acredito que os professores também se aprimoraram, buscaram novas metodologias, novas tecnologias, novas formas de ensinar. Quanto ao aspecto negativo, relato a defasagem na aprendizagem, os alunos ficaram com muitas dificuldades, dá para notar agora no retorno presencial, cada exercício que passo, tem que retomar muitas explicações... Às vezes eles ficam parados. Por mais explicação que eu dê no início da atividade, eles não desenvolvem os exercícios, começo a notar as dificuldades e aí vejo que tenho que retomar muita coisa que já foi dada.

Entrevistadora: O que diz o seu corpo nas aulas de matemática no período da pandemia?

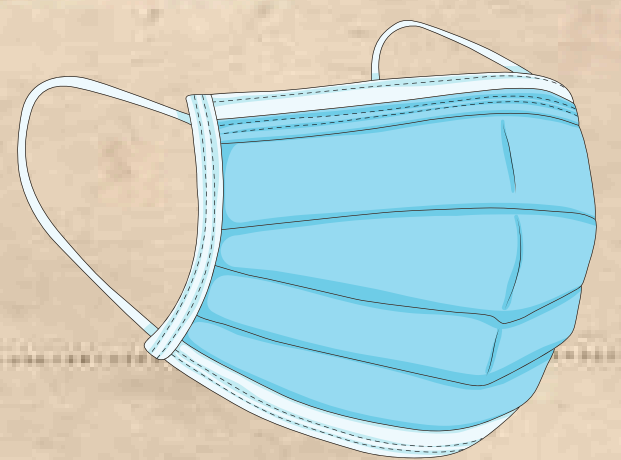
Professora y: Vou te responder por partes. Físico: eu não senti nada de muito diferente, claro que às vezes um cansaço de ficar muito tempo sentada na frente do *notebook*, uma ardência nos olhos, os olhos vermelhos de ficar muito no computador e no celular respondendo ao *WhatsApp* e tudo mais. Isso sim, alterou um pouquinho. Quanto ao cansaço mental e emocional, eu sou muito calma e não me afetou muito. Às vezes ficava esgotada de ficar ali na frente do *notebook* ou celular, respondendo toda a hora. Às vezes fazia vídeos e não ficavam bons, fazia novamente, isso gerou um cansaço grande algumas vezes, até porque tudo era novidade. Não estávamos acostumados a fazer vídeos e os primeiros foram bem trabalhosos, pois fazia várias vezes para

Marcas que ficaram
nos corpos



ver se estava bom, alterava a fala, umas explicações para ver se tinha ficado bem claro. Às vezes, um sentimento meio que de incapacidade, pois mesmo fazendo os vídeos, fazendo as explicações individuais, em alguns momentos notava que os alunos não entendiam. Fora a preocupação dos alunos que não tinham acesso à internet. Mas eu sou muito tranquila, fui tentando levar da melhor maneira possível.

Marcas que ficaram
nos corpos





Entrevistada:	Professora β (Beta)
Data de realização:	27 de dezembro de 2021
Local:	Casa da professora
Duração da entrevista:	45'35"

Entrevistadora: Quem é a professora Beta?

Professora β : Bem, eu... as minhas opções para fazer faculdade sempre foram engenharia civil, arquitetura e matemática, tanto é que eu fiz arquitetura, minha primeira formação é de arquiteto e urbanista. Depois, meio sem querer, comecei a me interessar por matemática. Eu ia fazer o curso de matemática, mas como eram 4 anos e era longe, em Pelotas, no interior, acabei optando por fazer o antigo esquema 1. É um programa pedagógico para fazer as disciplinas pedagógicas, tem um nome bem extenso, mas era para poder prestar concurso e dar aula. Tudo começou por um convite, já que a falta de professor é sempre grande, aí me ofereceram. Disseram: "Olha, não quer dar aula? Te inscreve no contrato emergencial". E foi onde eu comecei. E estava dentro dos meus planos também. Eu abraço duas profissões, no caso, continuei na de matemática, que é uma coisa que eu gosto. Tem colegas que tinham outras formações, mas não seguiram, não se identificaram com dar aula, né? E estou continuando até agora, quase me aposentando. Já fazem 25 anos que dou aula, quase 26 anos. Mais ou menos um ou dois anos depois que me formei em arquitetura. No estado é contrato e no município é concurso. Trabalho em três escolas. É bastante coisa, mas, para não perder as 40 horas do Estado, tive que assumir as três. Gosto de fazer mais coisas, mas não dá tempo. Me identifico mais nos turnos da manhã e da noite para ministrar aulas.

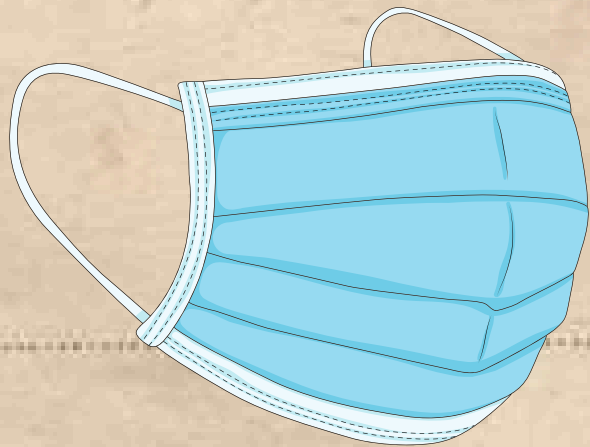
Entrevistadora: Sobre tecnologias: antes da pandemia, você usava alguma coisa?

Professora β : Não, muito pouco, quase nada. Praticamente não usava na aplicação em aula.

Entrevistadora: E depois, na pandemia?

Professora β : Sim, a gente teve que, de certa forma, se adaptar, teve que aprender, teve que começar a usar. Sim, aula pelo *Meet*. Usava o celular, o computador, até pelo *Messenger*. Usava a Plataforma, postava na Plataforma do Estado, aulas pelo *Meet*, todo o planejamento a ser feito, postar as aulas diariamente. E atendimento pelo *WhatsApp*. Primeiro, quando tudo começou, era muito pelo *WhatsApp*, aí tinha escola, e correção, tudo pelo *WhatsApp*, pelo computador

Marcas que ficaram
nos corpos



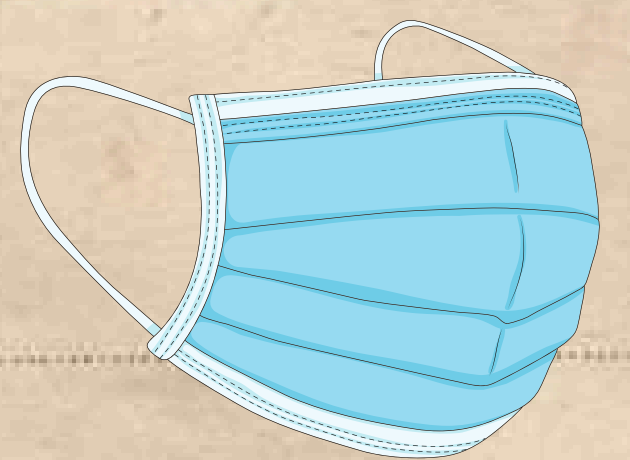
(Plataforma Estado) todos os dias as respostas, às vezes não conseguiam, não entendiam, aí pelo *WhatsApp*. Porque na Plataforma é prático. Eu achei mais fácil pelo *WhatsApp*, dúvida: *WhatsApp*. Troca mais rápida. Então eu usei *WhatsApp*, bastante as Plataformas e a aula, que a gente tinha o mínimo de aulas para poder... Vídeo de resolução, bastantes áudios e fotos das resoluções, explicando. O celular carregava tanto que, às vezes, o vídeozinho demorava, então era mais fácil fazer, resolver um exemplo do exercício, explicar e mandar o áudio. Como já dava o conteúdo, na época procurava sempre fazer resumidamente, tanto pela Plataforma dar o essencial do conteúdo, não adianta dar coisa muito teórica. No último ano, no ano anterior, eles tinham o livro, né, para acompanhar e, em cima do exercício do livro, eu tirava as fotos, mandava pelo *WhatsApp*, mais a explicação. Isso no primeiro ano da pandemia. Os primeiros seis meses foram bem difíceis, depois já foi se achando, distribuindo livro para eles, pegando do livro e tirando foto do livro e tudo muito resumido para poder desenvolver.

Entrevistadora: O que você achou mais difícil neste primeiro ano?

Professora β : No primeiro ano, assim, muito porque a gente não tinha conhecimento de usar, eu pelo menos, da tecnologia e os alunos também, né? E assim, uma pressão muito grande, porque, às vezes, tu explicavas na aula no *Meet*, mas eles vinham te perguntar depois, então, ah, eu achei muito cansativo, muito trabalho ao mesmo tempo. A gente tinha aluno que procurava às 22 horas da noite, até de madrugada também recebia videochamada. Não toda hora, mas apareciam esses casos. Ficávamos 24 horas disponíveis, não tinha sábado, não tinha domingo, nem horário assim. E para eles ficou muito à vontade, quando eles tinham vontade de fazer e uma disponibilidade, claro que nem todo mundo tinha celular para poder usar e acompanhar a aula, são casos e casos. Mas eu acho que para todos, não só para mim, para todos os professores ficou bem sobrecarregada essa parte e nós, na matemática, ficamos muito preocupados em que eles entendessem, né? E matemática não é uma coisa fácil para muitos entenderem, alguns até entendem as explicações. A gente viu alunos que se interessaram, que houve um crescimento nessa troca, mas muitos a gente viu que também não tinham interesse. Depende da dificuldade de cada um. Tanto é que quando a gente voltou, os alunos disseram: "Que bom que voltaram as aulas presenciais". Aí a gente sentiu bem quem fez, quem realmente fez, porque, às vezes, tinha alguém que fazia para eles. É toda uma organização. Eu postava a teoria, postava o exercício, dava um tempinho e aí postava a resposta, isso dependendo de cada turma. No município era assim, tinha que corrigir tudo, e depois na Plataforma já ficou... Não mais fácil, mas mesmo que foi combinado três trabalhos no trimestre, mas todos que me mandavam eu corrigia, então era uma coisa cansativa, porque era uma maneira de corrigir, recebia foto virada, feita a lápis... Às vezes podia um pai reclamar que eu não havia corrigido, então eu corrigia mal, então postava sempre as respostas. E as aulas no *Meet* eram para tirar as dúvidas e explicar matéria nova, ou fazer uma pincelada do que já tinha dado e comentava e preparava o seguinte. No *Meet* não eram tantos, geralmente eram sempre os mesmos interessados que tinha, dependendo da escola e da turma e não contando esses que não tinham celular ou internet e outros porque não queriam mesmo. Para o aluno ficou difícil para entender, aquele que não tinha facilidade de entender a matemática, e para o professor muito serviço, muito trabalho para chegar num objetivo.

Entrevistadora: O que você usava de tecnologia, você acredita que deu certo?

Marcas que ficaram
nos corpos



Professora β : Acho que funcionou, fizeram, tiraram as dúvidas, os alunos comentavam: "Ah, professora, eu vi um vídeozinho assim, assim, assim". Eu acho que sim, não 100 por cento, mas os que se interessaram tiveram um crescimento. Até de alunos que tinham problema de audição, outros que eram muito tímidos desenvolveram bastante na Plataforma como aluno, se organizavam sozinhos, com mais dificuldade de entendimento, mais lentos, demoravam muito para entender, então a Plataforma devagarinho, mas fazendo, o aluno fez no seu ritmo. Eu senti assim, que alunos que eram rebeldes, no presencial em sala de aula, houve um crescimento muito grande quando a gente se reencontrou. Bah! Mas que bom! Está diferente. Não estava tudo certo, havia erros, ele perguntava, pedia para refazer, ele refazia, então houve vários.

Entrevistadora: Como professor, como você avalia as suas aulas usando tecnologia? Você acha que conseguiu também aprender muita coisa? E você usaria de novo ou continuaria?

Professora β : Sim, eu consegui. A tendência não é deixar de usar, mas o principal é o presencial, o mais importante. Principalmente na área da matemática, sem presencial...

Entrevistadora: Qual a melhor maneira para dar a aula?

Professora β : Nunca usei tanto o celular, ele está até lento, tenho que comprar um novo, mas não arrisquei em comprar para não perder o que eu tinha. Usava muito a prancheta e comprei um canetão de quadro, aí no celular a câmera é pequena, aí eu ia falando, mostrava o desenvolvimento. Muito eu usava a prancheta. Não cheguei a comprar um quadro. Para enxergar bem as questões, como se fosse um mini-quadro, com uma letra bem grande. A gente ia testando até dar certo.

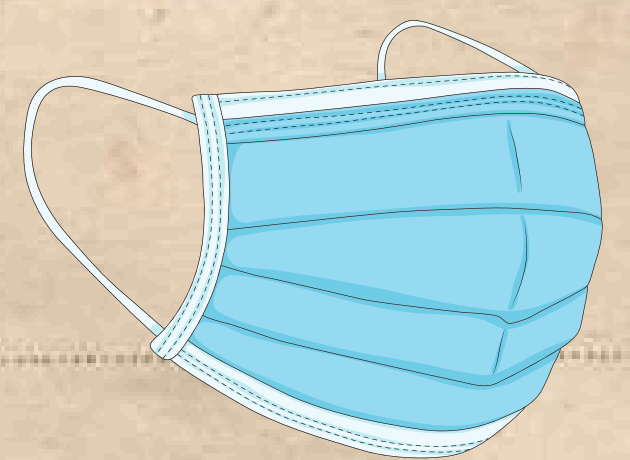
Entrevistadora: Como é ser professor na pandemia?

Professora β : [Risadas] Quase mágico. Não, foi um desafio, sem falar que depois tivemos que voltar, depois das vacinas, a gente tem medo no retorno, tanto é que a gente tem que se cuidar até hoje, mas assim... é um crescimento como pessoa, a gente vê o aluno crescer, a gente cresceu também, a gente aprendeu, o aluno aprendeu, não só tecnologia, mas o humano também, né... Porque realmente a gente se pondo no lugar do aluno, só não passou realmente quem não quis, né? A gente sabe que é difícil, principalmente a parte de matemática, mas assim como professor teve um conhecimento, porque aprendi a parte tecnológica, não tudo, aprendi um pouco, porque é muita coisa, muita coisa para ser aprendida, mas assim acho que cresci como pessoa, né, como professor também, porque a gente teve que buscar outras coisas para ver porque o pouquinho de tempo que a gente tinha a gente procurou se atualizar para dar, para ver o que é mais importante para ele, para a vida dele. Esses cursos, que ofereceram, eu notei que era muito rápido. Tu ficas ali sentado 2 horas, mas é muita informação, mas nós somos da prática, do concreto. Eu tenho essa dificuldade. A minha geração não é da tecnologia.

Entrevistadora: Qual foi o desafio na pandemia?

Professora β : É conseguir conciliar tudo, né... a tecnologia, essa falta de contato com o aluno, essa troca imediata, tu entende? Quando eu usava mais WhatsApp era mais próximo, mas o que distanciou um pouquinho é quando a gente começou a usar só a Plataforma, mas o remoto foi o

Marcas que ficaram
nos corpos



desafio maior, porque será que ele entendeu, será que ele não entendeu. E a gente dá o exercício, aí um errou tudo, outro errou a metade então... Então tu fica, bah! Como vou fazer para que esses alunos entendam? Acho que o maior desafio foi conseguir haver a troca da aprendizagem. E, às vezes, alguns nos surpreendiam.

Entrevistadora: Um fato que te marcou na pandemia como professor.

Professora β : Eu acho que alunos, com déficit de aprendizagem, que conseguiram se formar, e também alunos com problema de surdez, que também conseguiram se formar. Usava máscara transparente ou a viseira para ver a leitura labial, quando a gente retornou. Essas duas coisas me marcaram bastante. E outros alunos que eu tinha no presencial e que cresceram bastante. Claro, nem tudo são flores, teve aqueles também que, de certa forma, foram aprovados, mas com déficit de aprendizagem, e aí é uma coisa que não depende do professor. Não querendo tirar a minha responsabilidade. Mas acho que vamos deixar no positivo que é melhor.

Entrevistadora: O que não são flores?

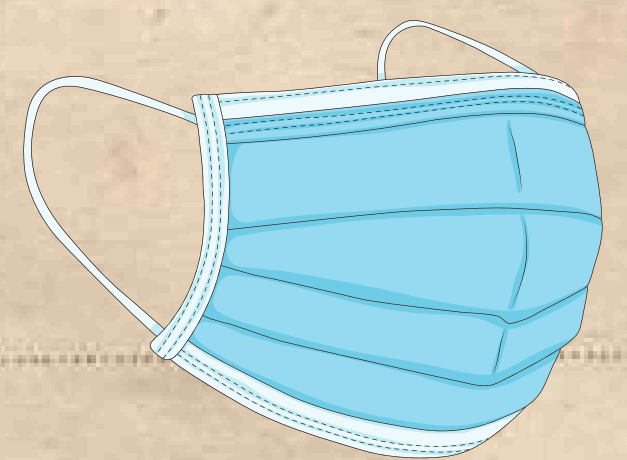
Professora β : É aluno passar sem ter condições, teve situações que a gente teve... foi automático... Não tivemos escolha... Teve aluno que foi agraciado no ano passado e agora. E se a gente conhecia o aluno como ele era... então... Mas aí foge da gente, é sistema, vem imposto, vem de cima. De negativo seria isso aí.

Entrevistadora: Em termos de sentimentos.

Professora β : Teve momentos de felicidade, quando os alunos produziam, e momentos de desespero, como fazer com que esse aluno aprenda. E eu me senti bastante sobrecarregada, com muitas coisas para fazer, que às vezes era mais burocracia, mais a parte burocrática: preencher planilha ali, do que na troca do ensino-aprendizagem. Essa parte eu me senti bastante sobrecarregada. É claro, também tenho muitas turmas. Não cheguei a ter estresse, mas quase eu acho [risadas]. Olha que quase, eu achei muito cansativo o processo, me sentia cansada porque tu trabalhava sábado, trabalhava domingo, tu tinha que... Eu me sentia cansada. Tanto que antes do Natal eu nem ia conseguir mais atender a entrevistadora [risadas]. Deixa eu respirar e pensar um pouquinho... mas eu me sentia bastante cansada, sim... e... vivi muito para poder atender a tudo que tinha que ser feito: preparar, postar... né... Era cronológico... Saiu alguma coisa fora... então eu achei desgastante, bastante desgastante, às vezes cansada. E tem toda a parte da pessoa: a vida social e eu tenho a minha mãe com Alzheimer também, então é tudo... para mim foi bem puxado este último ano. Cada ano foi mais, a gente acha que melhora. Mas bem desgastante, mas eu fiquei grata por ter conseguido concluir sem ter que procurar um médico, mas acho que faltou pouco, porque não tomei nenhuma medicação, mas muito professor teve que buscar ajuda. Depende da pessoa. Porque aí tu te organizavas para fazer alguma coisa, professor de matemática muito organizado, aí mudou, não é mais assim, é assado. Muito refazer. Tu refaz a mesma coisa. Aí eu era sempre a que já fazia antes, não vou esperar, vá que o povo mude... Acho que tinha que simplificar para os professores, mas não, cada vez mais coisa. Na verdade não sei como cheguei até o final do ano. Uma pressão muito grande.

Entrevistadora: Alguém da família teve COVID-19?

Marcas que ficaram
nos corpos



Professora β : Eu e minha mãe não, mas a minha irmã e minha sobrinha pegaram, com sintomas leves. Eu consegui fazer mais cedo as doses da vacina por causa de minha mãe, então eu tive a preferência, e como eu fico com ela, e em função dela...

**Tivemos uma pausa para a professor β verificar como a sua mãe estava, visto que a entrevista foi na casa da professora e por sua vontade. Este tempo não foi computado. Parei o cronômetro e quando ela voltou recomecei.*

Entrevistadora: Algum sentimento a mais que você queria acrescentar?

Professora β : Olha, raiva só um dia que dei um chutão [muitas risadas] num banquinho [risadas novamente]. Em 2018 eu quebrei a patela, agora só falta ter quebrado outra do outro joelho, foi uma explosão de raiva. Não me lembro mais o que eu tinha feito e tinha perdido e... me deu essa explosão de raiva... foi num final de semana... Mas foi uma das mais fortes que eu tive. Mas pensei “te acalma, está terminando o trimestre e tá... tá... tá...”. Felicidade é ver a alegria dos alunos se formando e ficar assim: “pô aquele aluno conseguiu”. Angústia das coisas mutantes, né, que a gente achou que estava concluso e tinha que estar refazendo, isso também gera uma insegurança, vou fazer ou não vou fazer, porque dali a pouco já vai mudar, vou ter que estar refazendo. E as horas boas, ah... Consegui resolver... aprendi a fazer a tecnologia... É um mix de sentimentos. Mas eu sou uma pessoa muito calma, para eu me estourar tem que ser muita coisa, mas às vezes, teve um momento ou dois que dava vontade de chutar o balde e não querer mais.

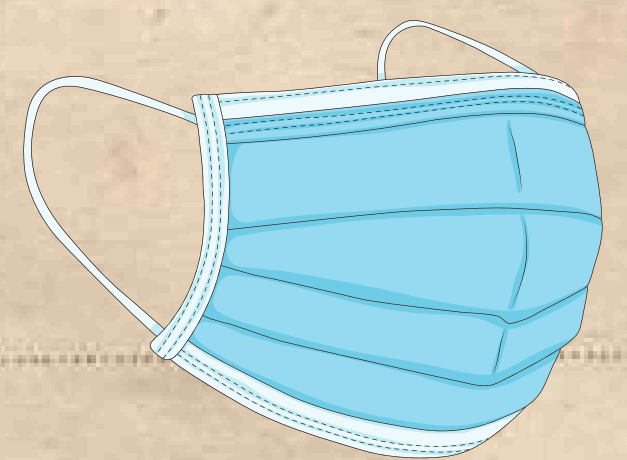
Entrevistadora: Mais alguma coisa a declarar?

Professora β : Decepção com a estrutura, com o mecanismo. Porque a gente se pergunta: “o que foi feito em relação ao aluno, melhor para ele?” E aí eu acho que ainda ficaram... Um apoio em nosso serviço, em vez de reduzir, simplificar, não... só aumentava a quantidade de mecanismo que devíamos prestar conta, isso só aumentava, tanto é que fomos janeiro adentro, no ano passado, sem férias, recuperando aluno. Agora que teremos férias em janeiro. Eu achei muito serviço para o professor. Desgaste mental muito grande pelo motivo de fechar o “leque” do presencial e do remoto. E aprendemos a compartilhar conhecimentos. Um diz um pouquinho aqui, outro diz um pouquinho ali, mas todo mundo teve que abaixar a guarda e teve que aprender e ninguém sabe tudo. Pode ser o melhor professor do mundo, a melhor tecnologia, se o aluno não quer aprender, não adianta, não depende só da gente.

Entrevistadora: Descreva como foram as suas aulas nestes dois anos de pandemia e de aulas remotas.

Professora β : Foi um desafio muito grande para trabalhar com as novas tecnologias e com tantas atividades, como pesquisar, planejar, postar as aulas na plataforma, fazer as planilhas, fazer as buscas ativas dos alunos. Aulas no início até foram feitas no *Facebook*, no *WhatsApp*, aulas posteriormente pelo *Google Meet* e no final aulas presenciais. E também tínhamos as reuniões, os conselhos de classe, as jornadas pedagógicas, e sempre em mente como passar esses

Marcas que ficaram
nos corpos



conteúdos, uma preocupação grande em passar esses conteúdos e explicar da melhor forma possível, para que eles conseguissem entender, principal sempre a gente querendo da melhor maneira, pensando sempre em preparar aula que fosse atingir eles o melhor possível, porque no físico a gente tinha certas considerações para preparar aula, na plataforma uma coisa e para aula também esse entendimento entre professor e aluno para essas aulas.

Entrevistadora: Você precisou mudar na maneira de lecionar?

Professora β : Sim, eu tive que mudar, passar a usar as tecnologias que eu não estava acostumada a utilizar. Então tivemos que preparar aulas físicas, né, que é um pensamento de condensada para não utilizar tanta folha ou tanto xerox, então a gente tinha que ter a preocupação de passar a explicação de forma mais sucinta. Exercícios, como matemática, e postar na plataforma também, e tínhamos que postar as aulas pelo *WhatsApp*, pela plataforma também, mais as explicações também, com atendimento no particular pelo *WhatsApp*, pelas explicações pelo áudio, e no início também começamos também pelo *Facebook*, e depois as situações foram mudando, as coisas foram se aperfeiçoando com o passar e no final do ano já tinha uma estrutura maior e informação maior. Nos últimos três meses tinham o presencial e tínhamos que atender toda essa demanda.

Entrevistadora: Encontrou dificuldades?

Professora β : Sim, encontrei dificuldades. Os desafios de aprender novas tecnologias e também uma demanda de gastar mais tempo para fazer todas as atividades de pesquisar, planejar, aprender essa nova tecnologia, postar na plataforma, atender o aluno pelo *WhatsApp*, fazer as atividades pelo físico, material físico que era encaminhado para eles, e finalmente o presencial.

Entrevistadora: Você acredita que nas aulas remotas teve melhora para os alunos?

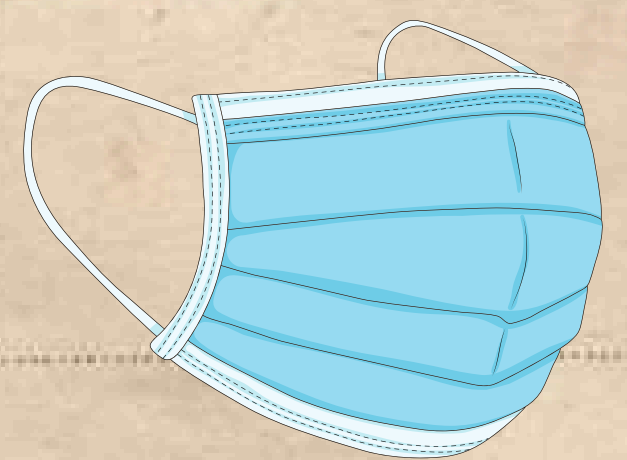
Professora β : Bem, para alguns alunos houve melhora, alguns alunos nos surpreenderam e renderam bastante e quando tive de atendê-los no presencial, eu mesma notei um crescimento, mas uma grande maioria não, a gente teve alunos assim, defasados na aprendizagem e com falta de muitos conteúdos.

Entrevistadora: Como amparou os alunos nas aulas remotas? Sugestões e dicas.

Professora β : Explicando para os alunos pelo *WhatsApp*, pelo áudio, enviando vídeos tanto pela plataforma quanto pelo *WhatsApp* também, as duas maneiras para uma mesma turma, pela aula no *Google Meet*, as explicações procurando sempre que tivesse uma troca da explicação da matéria e mais a correção dos exercícios. O retorno dos alunos que faziam na plataforma que era enviado textos, vídeos e fazia as correções destes exercícios pela plataforma, individual de cada um, bastante desgastante, porque corrigir cada sentença de cada exercício é uma coisa que demanda tempo. E aqueles que tinham dificuldade chamavam no individual no *WhatsApp* também.

Entrevistadora: Você auxiliou os seus colegas professores na pandemia? Nas aulas remotas?

Marcas que ficaram
nos corpos



Professora β : Sim, auxiliei os colegas na pandemia e também fui auxiliada, e nas aulas remotas também houve uma troca de saberes, o que um sabia o outro ajudava e teve bastante colaboração entre ambos.

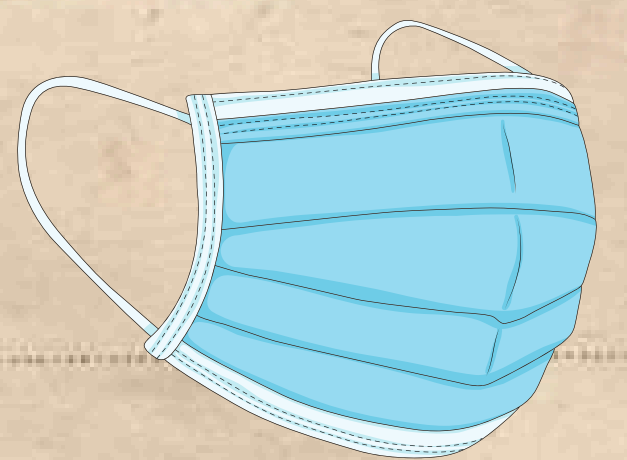
Entrevistadora: E para completar, o que diria?

Professora β : Não posso deixar assim de relatar que foi um desgaste bastante grande para os professores atuarem nesta situação, não só para mim, mas acredito que para todos. Porém, eu ressalto que alguns alunos nos surpreenderam com uma boa participação nas atividades, nas aulas do *Google Meet*, e depois no retorno presencial e mesmo nas correções pela plataforma. Alguns alunos eu notei que fizeram as atividades eles mesmos, e houve um crescimento e um entendimento dos conteúdos dados. Então, tiveram pontos positivos e pontos negativos, mas também tiveram alguns alunos que não aproveitaram, não posso deixar de comentar, e a gente conclui que estão defasados do seu aprendizado.

Entrevistadora: O que diz o seu corpo nas aulas de matemática no período da pandemia?

Professora β : Bem, o que eu senti fisicamente, dependendo do dia, dores no corpo, porque a gente ficava muito tempo sentada, às vezes dores na mão para digitar, dor nas costas, dores assim, como vou te explicar, na lombar, nas costas na parte de cima, na parte da nuca, acho que é lombar que se diz. Então, claro, como a gente ficava muito tempo, às vezes a postura correta eu perdia, e não ficava. Quanto ao mental, muita pressão, também, assim, às vezes as incertezas, nos passavam uma informação e dali a pouco já não era aquilo e a gente tinha que refazer as coisas, então isso dava uma certa irritação e ia desgastando a gente emocionalmente. E o emocional, o próprio estresse de muita coisa para fazer e uma hora era de um jeito, outra hora era de outro jeito, uma incerteza, e tudo isso acarretava no emocional da gente e às vezes tinha horas que a gente ficava... mesmo eu sendo uma pessoa paciente, às vezes a gente ficava impaciente porque era muita coisa para ser feita e muita coisa para ser resolvida. E então é isso aí, às vezes dor de cabeça, tinha horas que a gente não enxergava mais para fazer as coisas. Muita pressão, por mais boa vontade que a gente tinha, e muita coisa para se fazer em pouco tempo e dar conta de tudo, procurando sempre fazer o melhor, né?

Marcas que ficaram
nos corpos





Entrevistada:	Professora δ (Delta)
Data de realização:	11 de janeiro de 2022
Local:	Casa da entrevistadora
Duração da entrevista:	45'42"

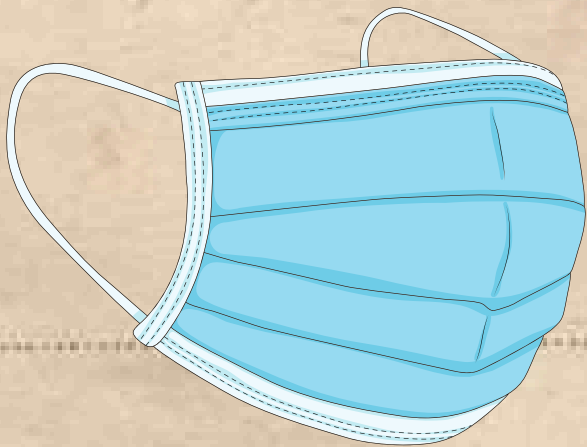
Entrevistadora: Quem é a professora δ?

Professora δ: Sou de matemática, a gente já trabalhou juntas. Estou assim... em final de carreira, prestes a me aposentar. Gosto muito do que faço e vou sentir falta da sala de aula, mas a pandemia me deixou, digamos, desiludida, né? Desiludida no sentido da tecnologia, deixando a desejar, quando trabalho numa escola do interior. Muitos têm condições, outros tantos não tinham, então o nosso trabalho triplicou porque tu trabalhava a apostila para os alunos que não tinham acesso à tecnologia. Aí tinham aqueles que só tinham acesso pelo *WhatsApp*, muitas vezes os coitadinhos iam na casa do vizinho ou no comércio para conseguir ter acesso pelo *WhatsApp* para as coisas, e os que tinham internet em casa de antena ou via rádio ou algum desses pacotes de celulares das operadoras nem sempre tudo funcionava. E alguns que tinham todas as condições nem sempre participavam de todas as aulas, eles entravam nas aulas nos horários combinados. Eu sempre fiz a aula *online* no horário de aula da turma mesmo, não mudava os horários. Trabalho atualmente somente em uma escola, o que facilita bastante, mas já dei aula em três escolas, te lembra desse período? Era uma correria. Não tinha horário de ônibus, às vezes, chegava sempre queimando horário. Cansei de chegar em aula e brincar com os alunos. “Pessoal, só deixa eu tomar uma aguinha porque o arroz ainda não desceu” [risadas]. Era bem assim, uma correria. Uma escola apenas facilita muito o trabalho do professor. Eu sempre me senti... como vou te dizer... uma escola só... eu sempre gostei de participar de tudo. Se a escola tinha um evento, mesmo que não fosse dentro da minha carga horária, eu sempre gostei de participar de todos os eventos: reuniões, festinhas, né? Aquelas coisas que as escolas fazem. E se tu tens três escolas, tu não consegues participar de todos, não dá... tem conselho de classe numa, conselho de classe na outra... uma vai ficar pendente.

Entrevistadora: A tua experiência como docente antes da pandemia.

Professora δ: A pandemia veio de repente e nos deixou, digamos assim, com uma espada na cabeça: ou tu parte, tu vai ter que entrar na tecnologia, sabendo ou não, e tu vai ter que te virar e dar teu jeito. Então, antes da pandemia, usava tecnologia, mas usava de uma forma mais tranquila... aquilo que tu sabia e informava bastante... Ah, eu vou usar o projetor, vou usar um problema de computador... né... vou usar a sala de vídeo, vou usar o laboratório. Era tudo muito

Marcas que ficaram
nos corpos

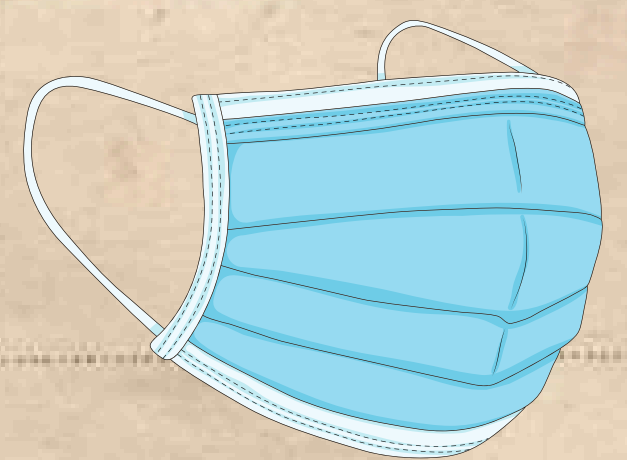


bem calculado, tudo muito bem planejado, e... digamos assim, a gente organizava as coisas porque também não se usava muito, se usava, mas eu não usava muito, né? Não era uma coisa semanal. No momento que veio a pandemia e o governo optou por as aulas serem *online*, a gente se viu na obrigação de fazer e aí tu vai correr atrás, tu vai procurar, vai fazer os cursinhos e junto com as aulas, né? Tu tinhas o cursinho, então o nosso trabalho, nosso tempo, a gente ficou, sei lá, 18 horas por dia envolvida com a escola, pra não dizer mais, porque não se tinha sábado, não se tinha domingo, sempre envolvida com alguma coisa, vendo as coisas novas para poder continuar adiante, né? Aprendi muita coisa nesse sentido de usar a tecnologia e... também não só na sala de aula mas, até no convívio com as pessoas em função do isolamento, a ser mais paciente com as coisas, porque tu não conseguia resolver as coisas do jeito que tu queria. Antes da pandemia, ah... faltou tal coisa... embarca no carro, vai lá dá a volta e pega. Com a pandemia tu já pensavas duas vezes: “ah... mas eu vou ter que ir só para pegar isso? Não, acho que não vou ir...” bah... tem vários casos no centro, né? O mercado está com horário reduzido. Tanto é que hoje eu chego a passar 10 dias sem vir na cidade. A rotina mudou muito. A gente aprendeu muitas coisas, sei lá, até dar valor, né? A valorizar outras coisas, o convívio em casa, mudou a rotina também. A gente teve que achar um meio-termo para conviver bem. Porque eu também vivia na cidade durante a semana e ia para fora no final de semana. Com a pandemia, o que aconteceu... meu filho saiu de casa... e aí eu comecei a ir mais para fora (interior da cidade). Mas o problema é a internet. Cansei de sair correndo de lá... Marcava aula... e a internet não funcionava. Botava o computador embaixo do braço e corria para a cidade para chegar no horário, porque a internet na cidade era melhor. Então isso várias vezes aconteceu. Seguidamente chovia ou dava um temporal, os alunos já diziam: não podia entrar na aula porque caiu a internet, aí dava queda de luz, seguidamente acontecia.

Entrevistadora: Sobre as aulas de matemática, tu tinhas mais alguma outra ferramenta que tu usavas?

Professora δ : Era o livro, o *WhatsApp*, e eu fazia as apostilas digitadas, porque tu sabe, né, o livro tem as respostas no final, né, então questões avaliativas, coisas assim, eu evitava pegar as do livro ou então pegava de outro livro diferente que os alunos não tinham e alguma coisa de material que eu pudesse mostrar para eles, o geoplano, por exemplo. Mas muito pouco, porque eu tive bastante dificuldade em trabalhar nessas aulas *online*, trabalhar matemática, uma coisa mais... e usava também o quadro que ficava no sofá. Eu tinha também um *notebook* velho que eu consegui usar nas primeiras aulas, e em seguida não deu mais, eu tive que comprar um novo. E... aconteceram fatos interessantes, mas depois que passa a gente vai dar muitas risadas ainda das atitudes, dos fatos que aconteceram nas aulas *online*. Teve um dia, eu estava *online* com sete ou oito alunos, até era uma turminha que participava bastante, uma turma bem querida, e... do nada o meu computador apagou a tela, apagou a tela e bloqueou total. Eu tentei até resetar ali, mas aí não fiquei segurando o tempo suficiente e eu não conseguia desbloquear. Aí uma aluna me xingando: “o que essa mulher quer também dando aula a essa hora, onze horas da manhã”, mas era o horário deles, da aula de matemática. E aí eu mandei pelo *WhatsApp* avisando que tinha caído a internet, mas na verdade a minha internet não tinha caído, eu só não sabia o que fazer. Avisei os alunos que o computador “bugou”, ficou tudo preto. E aí uma aluna também avisou que ela não enxergava nada, “tá preta a tua tela”. Aí avisei, pelo *WhatsApp*, que estava cancelada a aula e que iria marcar uma próxima aula e mandaria atividades. Encerrei a aula, coloquei o computador no carro e vim correndo aqui na loja de consertos para tentar arrumar. O rapaz disse que estava totalmente bloqueado. E eu apavorada porque eu estava com o programa aberto,

Marcas que ficaram
nos corpos

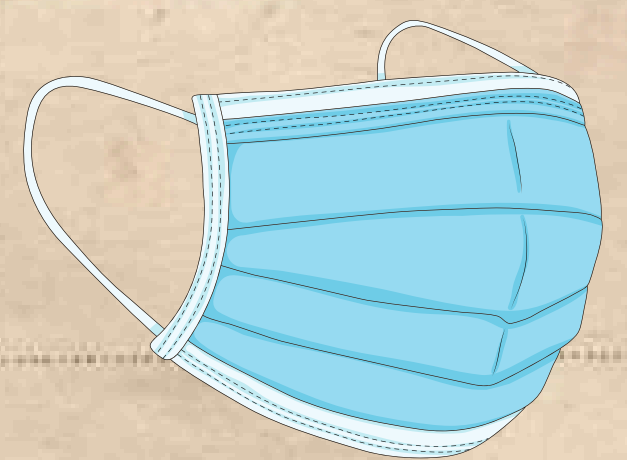


gravando a aula ainda, e agora, assim, o que faço, vou perder tudo. Levou uns 40 minutos para arrumar o *notebook* e percebi que ficou 20 minutos gravando depois que a tela apagou. Os alunos se xingaram, disseram palavrões entre eles, xingaram a professora... E aí os 15 minutos de aula que eu já tinha dado tive que excluir, porque eu não poderia deixar ali e aquele dia não pude colocar para publicar a aula. Mas depois chamei eles no apito, e que tinha ficado gravado e eu tinha escutado os palavrões deles. “Olha, vocês estavam em aula, qualquer pessoa que tiver acesso ao vídeo vai ouvir tudo o que vocês disseram”. Aí eles também se dão conta. Mas muitos não olhavam. Mas depois isso foi bem engraçado. Eu me dava conta que eles não olhavam os vídeos porque eu muitas coisas corrigia por gabarito, porque não dava vencimento de fazer todas as correções e eu nunca gostei de deixar nada assim sem corrigir, porque eu acho que no momento da correção é um momento grande de aprendizagem, que eles vão se dar conta do que erraram, porque está errado, então corrigia e mandava o gabarito e eu chamava de gabarito explicativo, eu colocava para eles gabarito explicativo da aula tal, porque eu fazia todo o desenvolvimento, passo a passo da questão, e muitos depois me mandavam mensagens dizendo: “professora a senhora não corrigiu as atividades daquele dia”, eu dizia “como assim? Olha ali o vídeo que dizia gabarito da aula tal” e muitos me devolviam a aula para eu corrigir. Trabalhamos triplicado, na minha versão, e olha lá se não foi mais.

Entrevistadora: Qual o desafio encontrado nas aulas de matemática?

Professora δ : O primeiro desafio foi a própria tecnologia, tu estudar aqui e ali no ligeirão, aprendendo no ligeirão pra poder aplicar com os alunos e ainda assim, mesmo quando tu ia aplicar, sempre acontecia alguma coisa que... um imprevisto... alguma coisa que tu não previa, ou dava uma queda de luz ou caía a internet e tu tinha que entrar de novo. Muitos alunos, às vezes, não entravam com a conta do Educar, aí tu tinha que estar permitindo a entrada, e às vezes, em nome de uma outra pessoa. Aí tinha que perguntar: “tá, mas essa fulana é mãe de qual aluno?” “Ah, não é a minha mãe professora, eu sou o fulano”, então isso tudo foi desafio que tivemos que aprender, tivemos que destrinchar. Sem falar nessas coisas do computador, de apagar a tela e não saber o que estava acontecendo. Apresentar a aula, abrir os slides para eles. Eu usei muito o *Jamboard*, que simula o quadro branco para eles, e aí tu escrevendo com um *mouse*, e para mim foi o que mais se assemelhou ao quadro branco. Quando eu queria fazer uma observação, eu já fazia antes e deixava ela prontinha, e depois eu só anexava, ou então eu fazia uma “nota adesiva”. Digitava e colocava a nota adesiva. Foi o que eu mais usei. Foi uma colega de ciências que me disse para usar, você pode fazer tudo. E depois comecei a explorar e fiz uns testes com o meu filho para ver se dava certo. E depois passava para PDF para os alunos que não tinham acesso às aulas. Eu tentei fazer as aulas pelo quadro, mas algumas turmas diziam que não tinha uma boa visualização, principalmente pelo celular, diziam que não tinham uma boa visualização, e gravava também direto no *Jamboard*. Eu acho que eu ainda tenho muito que aprender na tecnologia, mas sabe que a tecnologia nunca foi uma coisa assim... eu nunca tive muita curiosidade, eu sempre me preocupei mais com o básico, “é necessário, tá então vou aprender”, mas tem gente que vai muito além e eu não, não tinha essa curiosidade, então agora por isso que ficou difícil, porque, de uma hora pra outra assim, e tem muita coisa boa na tecnologia que eu não usei. Mas ficou muito cansativo, vinha para a cidade que a internet era melhor e eu fazia... eu tinha seis turmas... e fazia as seis aulas em um dia. E aí naquele dia eles só tinham uma aula de matemática naquele dia *online*.

Marcas que ficaram
nos corpos



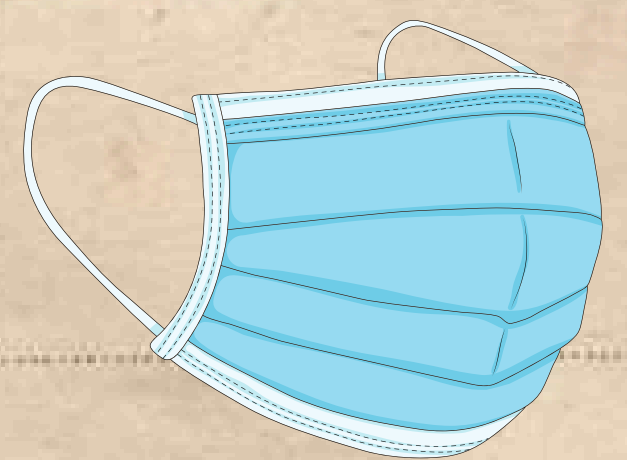
Entrevistadora: Um fato que te marcou neste período de pandemia?

Professora δ : Uma coisa que me marcou bastante, agora no final, que voltaram as aulas presenciais, esse foi um dos que até que tu para pensar que às vezes, o teu aluno, que tu reclama que ele não está prestando atenção na aula, porque ele tem acesso e ele não assiste à aula, mas às vezes, precisa tu ver que num determinado momento na vida dele a aula não era o principal. O que me marcou bastante foi com uma aluna exemplar, e falando com os alunos na aula presencial, agora em dezembro que a gente voltou às aulas presenciais, e eu conversando e perguntando: “ah, porque tu não entrava se vocês têm acesso?” e o que eles acham das aulas online, e essa aluna muito querida, uma aluna muito esforçada, né, e ela disse: “professora, o pior de tudo isso é que a gente tem acesso, a gente tem tudo isso, mas o pior de tudo isso é convencer às vezes, o pai ou a mãe da gente, que a gente tá assistindo um vídeo que é uma videoaula, porque muitas vezes assistindo uma videoaula e eles achavam que a gente estava olhando um filme, ou um jogo, ou qualquer outra coisa, mas que aquilo não era uma vídeo aula. Era difícil a gente explicar”. “Tá, mas pensa... se vocês estivessem como aula presencial, vocês não teriam que estar fora de casa no horário. Por exemplo: quem estuda no turno da manhã, não iria estar de manhã na escola, então não ia ajudar em casa, não ia para a lavoura”. “Mas, como a gente estava em casa, eles achavam que a gente tinha que fazer e ajudar em casa”. Assim como eu tenho uma certa resistência na tecnologia, eu imagino que muitos pais, apesar dos pais dos meus alunos serem mais jovens do que eu, mas eles não têm acesso ao *WhatsApp*, *Facebook*. Eles só têm telefone para ligar e aí eles têm essa dificuldade de aceitar. A gente sabe que a vida rural é diferente da vida daqui. Eu que vivi as duas situações, sei que é bem diferente. E outra coisa assim, determinados alunos conseguiam “dar um nó e uma volta” nos pais, porque eu sei de pai que comprou impressora, comprou computador de mesa, comprou tudo para o filho para ele poder assistir às aulas e o aluno simplesmente não assistia. E aí quando se deram conta, ou quando olharam o boletim que sabiam que o aluno não fazia nada. São “n” situações assim. Também tinha aqueles alunos que só tinham a apostila e o livro em casa e nem acesso ao *WhatsApp* eles tinham, conseguiam se comunicar somente por telefone, e um telefone na família para dois ou três irmãos. O telefone era da família. Então tu mandava a apostila e a apostila voltava assim, com um capricho, com tudo feito, tudo desenvolvido, com detalhes assim que tu te apaixona. Quem tem tudo não valoriza o que tem, e quem não tem corre atrás. Teve alunos que eu só fui conhecer com as aulas presenciais. Veio uma apostila que não tinha nome, veio sem nome, eu olhei assim, botei o olho e disse: “ah! essa é do fulano”, porque tu já conhecia das apostilas anteriores do capricho e da organização e tu já sabia de quem era. E são esses que nos servem de impulso, que nos dão ânimo para a gente continuar, né, porque às vezes, dava vontade de jogar tudo para o alto e dizer assim: “não quero mais saber”. Apesar de eu já estar no final de carreira, teve um dia que eu me desesperei total, “não quero mais saber, vou fazer qualquer outra coisa, chegou para mim, isso não é mais para mim”. Nunca na vida, nunca na minha cabeça eu pensei que assim, indo... já caminhando com meus 60 anos, indo para a minha aposentadoria, já vencendo tempo de serviço, eu ia passar por uma situação assim, nunca. Nunca passou pela minha cabeça que eu iria dar aula *online*.

Entrevistadora: Você acha que afetou muito os professores nesta pandemia?

Professora δ : Ah... eu acho... eu acho que ocorreram muitos casos de estresse, síndrome do pânico, muitos professores jovens, os bem jovens não, porque eles já levam essa coisa da

Marcas que ficaram
nos corpos



tecnologia, já nasceram com o celular na mão, digamos assim. Agora eu acho que os mais antigos e os... ou aqueles com mais idade, mas que já estão no magistério há pouco tempo pensaram em desistir, até em função do estímulo do plano de carreira, que nem cabe aqui falar, não é isso. Mas por várias razões afetou, principalmente no requisito de saúde mental. O meu problema foi [risadas] o açúcar, né, que chegou num ponto que se desestabilizou total, que com a medicação que eu usava, dobrou. Eu acredito que seja alguma coisa em função do estresse, porque eu estava estressada. Outra coisa: a insônia. Te batia uma insônia, até agora eu ainda não estou conseguindo dormir normal como eu dormia antes. Sempre perdia o sono, acordava de madrugada, “ah, porque amanhã tenho aula com aquela turma, eu fiz isso, será que vai dar certo? Eu fiz aquilo, será que vai dar certo? Será que vai dar tempo bom? Será que a internet vai funcionar? E aquele aluno faz tudo direitinho, pena que ele não assistiu à aula *online*, ele podia render muito mais, tem que avaliar diferente, como vou avaliar aquele aluno que só me entrega as coisas pela apostila, e aquele que entrega a apostila, metade feita e metade em branco, porque ele não fez. O que será que aconteceu? Será que ele não está entendendo nada?” Porque é difícil um aluno... apesar de eu esmiuçar... eu acho... no meu entendimento eu me esforçava muito, botava bastante exemplo resolvido do livro, mais coisas, mas mesmo assim, para um adolescente, uma criança, que não tem muitas vezes ajuda em casa, porque os pais não sabem como ajudar, é muito difícil. Até a rotina dos alunos, de ele criar a rotina de ele estudar em casa, se os pais, muitos pais não “ficassem em cima”, o aluno sozinho não consegue se organizar, né, muitos não conseguiam se organizar. E eu acho que isso aí afetou o professor de várias formas e os alunos também, muitos alunos. Eu já falei antes, a gente vai ter que rever tudo de novo.

Entrevistadora: Tuas experiências como professora na pandemia?

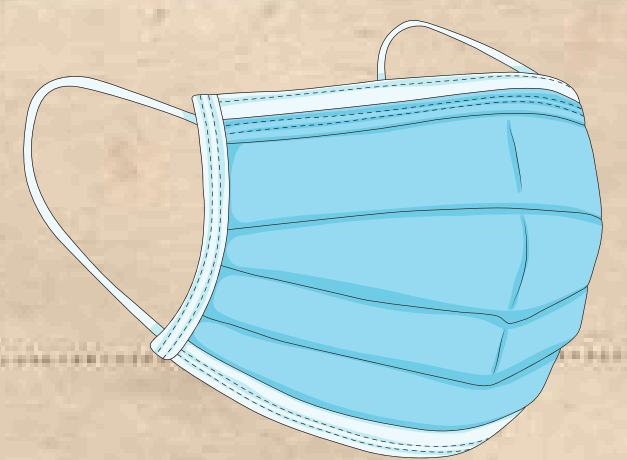
Professora δ : Vou te dizer o seguinte: nada substitui o professor em sala de aula. Agora eu acho que mais do que nunca isso ficou provado, principalmente nas séries iniciais e nas séries finais. O ensino médio já começa a ficar mais independente, mas ainda assim eu acho que o professor é o item essencial na sala de aula presencial, nada vai substituir ele. Claro que eu não estou dizendo que a tecnologia não ajuda, ajuda muito, mas substituir o professor, nunca. Os próprios alunos dizem também: “Professora, não tem como a senhora estar aqui na nossa frente explicando”. Até porque você recebe muitas coisas, mas garantir que foi o aluno que fez... né... não se tem garantia.

Entrevistadora: Nas aulas remotas da escola?

Professora δ : Não teve cem por cento presencial, até porque a gente teve algum problema com transporte, nem todas as linhas voltaram. No começo só voltaram duas linhas de transporte e depois voltaram mais três, então teve alunos que não... e “n” casos assim, “n” situações. Teve alunos que a linha passava, mas os pais achavam que não deveria mandar ainda para a escola, outros a linha do transporte não passava, mas os pais levavam, né? Então teve várias situações. Outros iam a pé, alguns iam de bicicleta e outros usavam o transporte que voltou, então teve muitas situações porque a escola lá é... a grande maioria depende do transporte escolar, né?

Entrevistadora: Alguém da família teve COVID-19?

Marcas que ficaram
nos corpos



Professora δ: A minha irmã pegou, eu não peguei, mas a minha irmã pegou depois da segunda dose e tive um sobrinho que também pegou. E a minha irmã teve uns sintomas como perda de olfato, de paladar e o que mais... uma dor nas costas, coceira e irritação na garganta e o nariz trancado. Fez o tratamento e se isolou. Como ela cuidava do meu cunhado, ela se isolou e deixou a casa livre para ele. Então foi engraçado, porque moravam os dois sozinhos e diz que ela gritava para ele: “Já comeu? Já saiu da cozinha?” Desinfetava tudo e assim ele não pegou a doença. A mãe da minha nora, da minha cunhada pegou e passou mal, ficou hospitalizada na UTI umas três semanas. Ela tinha feito a primeira dose. Ela perdeu os movimentos, custou muito para recuperar os movimentos. Pegou ela e o marido, os dois foram juntos para o hospital, mas ele se recuperou bem, mas ela ficou bem ruim, mas agora está bem.

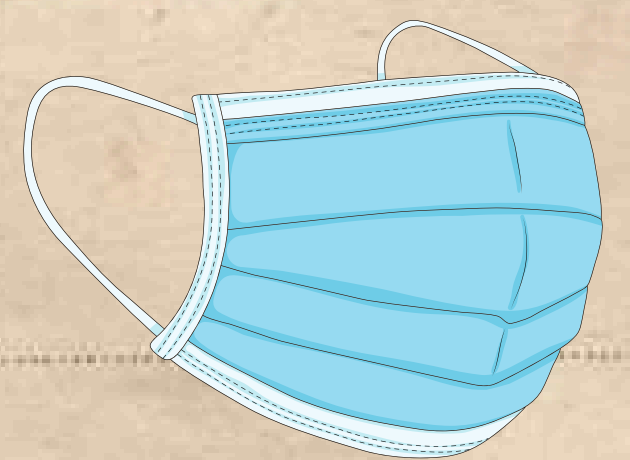
Entrevistadora: Algum medo, alguma angústia, alguma coisa de sentimentos nessa pandemia, nessas aulas?

Professora δ: Olha, angústia acho que função assim, até de tu não saber como desenvolver o teu trabalho, se tu estás fazendo certo, se está dando resultado positivo, se tu está conseguindo atingir o teu objetivo, isso tinha horas que te deixava assim bem angustiada. É porque não tinha assim aquela segurança, se está fazendo direito, se está funcionando, será que é para ser assim, será que não é... Será que essa é a melhor forma. Então foi uma coisa que me angustiou bastante, me deixou bem angustiada. O medo, claro, daquele de me contaminar, eu como diabética, né? Já ciente das complicações que eu teria, já que a pessoa que já tem um algum problema crônico, já tem, é mais propensa e as complicações já são maiores, então assim tu tinhas esse medo. Eu me cuidei bastante, sempre usando álcool gel, lavando as mãos, usando máscara, não aglomerando. Evitando ir ao mercado nos horários de pico, vinha na cidade uma vez por semana e naquele dia que vinha já tratava de fazer tudo naquele dia para não precisar vir outra vez. Sem passeios, até para visitar o filho, já eram bem espaçadas. Acho que não teve ninguém que levou “flauteado”, que não teve uma certa preocupação com alguma coisa, né... E aquele sentimento, assim de tu não te sentir totalmente livre. Eu, até agora, tem horas que não me sinto totalmente livre, parece que a minha liberdade está tolhida em alguma coisa assim, que não tu... ah... não dá para tu sair sem máscara, então parece que isso não te dá aquela tua liberdade total, aquela que tu tinha antes, tu não tinha horário, tu saía, voltava a hora que queria... conversava com todo mundo. Até as pessoas que tu não conhecias, encontrava na rua, parava, aquele toque de mão, aquele tapinha nas costas, abraços. Senti muita falta dos abraços. De tu encontrar as pessoas e não poder dar aquele abraço que tu queria dar, aquele beijo, né? Isso faz falta... né?!

Entrevistadora: Descreva como foram as tuas aulas nestes dois anos de pandemia e de aulas remotas.

Professora δ: Nem sempre eu tive sucesso, muitas vezes me senti frustrada, mas isso também às vezes acontece no presencial e eu tenho muita dificuldade com a tecnologia e os alunos também não tinham muito acesso a ela, então eu sempre procurei fazer aulas bem especificadas, colocando sempre o passo a passo nos exemplos, fazendo bastantes exemplos com resoluções para quem não tinha acesso e poder fazer a leitura e poder interpretar aquilo que estava sendo explicado. Usei o *Meet*, fazendo aulas pelo *Meet* e usei também o *YouTube* e o *Jamboard*, que foi uma das partes que eu achei que ficava mais acessível aos alunos e um modo mais fácil que eu pudesse explicar para eles. As aulas invertidas eu também coloquei e sempre que eu fazia o *Meet*

Marcas que ficaram
nos corpos



eu gravava e depois no *Jamboard* passava para PDF e daí também mandava para os alunos que não tinham acesso, e mandava em PDF para eles poderem visualizar, e mandava pelo grupo do *WhatsApp*, e as apostilas eu fazia sempre bem detalhado, fazia o máximo de detalhe, um passo a passo, para que os alunos que acompanhavam no livro didático também conseguissem entender da melhor forma possível.

Entrevistadora: Você precisou mudar na maneira de lecionar?

Professora δ : É, durante a pandemia foi preciso mudar, até acho que mudar no sentido de “mudar totalmente”. Eu diria uma palavra mais pesada, eu diria “adaptar”, a gente teve e todos nós tivemos que fazer adaptações na nossa maneira de dar aulas no sistema remoto.

Entrevistadora: Encontrou dificuldades?

Professora δ : Encontrei muitas dificuldades sim, muito difícil.

Entrevistadora: Você acredita que nas aulas remotas teve melhora para os alunos?

Professora δ : Quanto à melhora dos alunos no sistema remoto, eu, particularmente, acho que não houve. Trabalho com turmas do ensino fundamental, e essas turmas são bastante dependentes do professor. Com o sistema remoto, eles tiveram dificuldade em criar uma rotina de estudos, então eu acho que para o fundamental não houve melhora, não apresentou benefícios para os alunos.

Entrevistadora: Como você amparou os alunos nas aulas remotas? Sugestões e dicas:

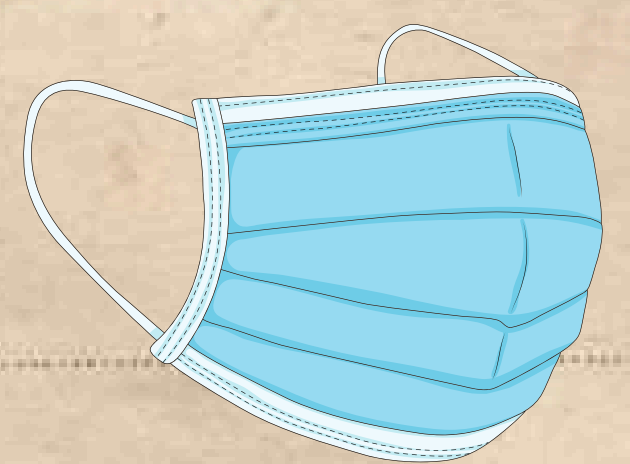
Professora δ : Sempre que fui solicitada para atender aos alunos, procurei oferecer o máximo de apoio possível. Atendia os alunos pelo *WhatsApp*, às vezes até por chamadas telefônicas. Quando a família me solicitava, eu tentava atender da melhor maneira possível. Claro que nem sempre consegui atender na hora, mas no primeiro tempo disponível eu já tentava resolver as dúvidas que eles tinham. Também tentei ajudá-los a se organizarem, criando uma rotina de estudos, um horário que fosse melhor para eles, para que pudessem entrar na sala de aula ou pegar a apostila, sentar e estudar. Enviava para eles o livro didático com bastantes exemplos, sempre com explicações passo a passo, conversando com eles quando me procuravam para tirar dúvidas, fazendo áudios, mandando vídeos, sugerindo *links* para quem tinha um melhor acesso à internet. Nesse sentido, foi o que consegui fazer para ajudá-los um pouco mais.

Entrevistadora: Você auxiliou os seus colegas professores na pandemia? Nas aulas remotas?

Professora δ : Muitas vezes eu mesma procurava os colegas para tirar dúvidas, e quando eles me procuravam, eu sempre tentava explicar alguma experiência que eu tinha passado ou algo que eu tinha entendido melhor. Muitas vezes fazíamos videochamadas para ajudar uns aos outros, discutir, conversar, trocar ideias e ver se estávamos no caminho certo, se era adequado, para nos sentirmos mais seguros. Eu acho que sim, auxiliei meus colegas e também fui muito auxiliada quando precisei.

Entrevistadora: E para completar... o que você diria?

Marcas que ficaram
nos corpos

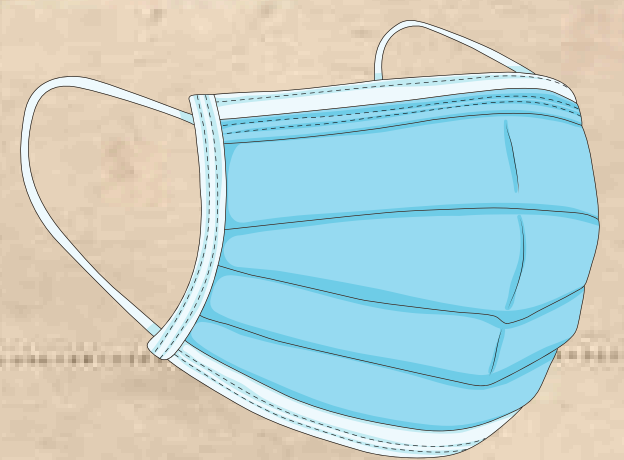


Professora δ : Bom, finalizando, eu vou dizer que foi difícil. Espero não precisar passar por uma situação novamente como essa. Tive bastante dificuldade e agora, no presencial, estou tentando recuperar falhas que ficaram. Ficaram muitas lacunas, conteúdos importantes que precisam ser reavaliados. No presencial, tentando recuperar e revisar coisas, fazendo agora a avaliação diagnóstica e tentando tirar as dúvidas dos alunos nos conteúdos essenciais que a gente precisa para continuar. Então foi bem difícil, mas eu acho que com o tempo talvez consigamos recuperar, ou, digamos assim, emparelhar novamente e avançar até no uso da tecnologia, porque no presencial a tecnologia também é muito importante. Só que, como já disse antes, nas turmas do ensino fundamental, só a tecnologia no sistema remoto eu acho que é falho. Agora, no presencial sim, no presencial e com a tecnologia junto, tem muito a contribuir.

Entrevistadora: O que diz o teu corpo nas aulas de matemática no período da pandemia?

Professora δ : Bah, eu tive muita ansiedade e até pânico. Chegava domingo à tarde, começava uma ansiedade, uma insegurança, tinha vontade de fugir, porque sabia que segunda-feira tinha aula remota, *Meet*, etc. Muita insônia, aumento da taxa de glicose. Parecia que estava sempre tensa, não relaxava. Ardência nos olhos e dor nas costas também, mas o pior foi lidar com a insegurança e ansiedade.

Marcas que ficaram
nos corpos



Posfácio: O tempo não para

*O mais feroz dos animais domésticos é o relógio de parede:
conheço um que já devorou três gerações da minha família.*
(Mário Quintana)

O tempo sempre passa, segue seu curso, vai além... O tempo é o único ente que substitui a si mesmo e, neste seu alargamento, deixa vidas inteiras para trás. Por isso escrevemos, registramos, conversamos, na ânsia de que o vivido perdure, no tempo, ao menos um pouco mais do que nós mesmos.

O poemeto de Mário Quintana apresenta essa ideia com uma beleza singela, quase triste: ainda haverá o tempo quando não estivermos mais aqui. O relógio de parede devorou as gerações da família de Quintana, mas não as fotos dessa, suas certidões, suas cartas trocadas... De igual modo, o tempo vai devorar a nós – pesquisadora, participantes e organizadores deste livro –, então é compreensível que façamos alguns esforços para que deixemos, registrado nestas páginas, o que não queremos que por ele seja engolido.

O leitor acaba de ler as entrevistas realizadas pela pesquisadora Carla Gebhardt Gehling, as quais foram materiais de análise para sua dissertação, realizada no Programa de Pós-graduação em Educação, do Instituto Federal Sul-rio-grandense. Como é possível compreender, os professores que contribuíram com a pesquisa, todos habitantes da cidade de São Lourenço do Sul, interior do RS, foram convidados a conversar sobre suas práticas pedagógicas durante a pandemia de COVID-19. Seus relatos, como o leitor acompanhou, alternam resistência e resiliência, inventividade e rotina, esperança e angústia.

Estas entrevistas estão disponíveis como anexo da pesquisa realizada desde sua defesa e, portanto, não são inéditas. Sabendo disso, o leitor pode nos questionar qual seria, então, a necessidade de transformá-las em livro, agora, tendo já se passado alguns anos, tendo o relógio de parede dado já tantas voltas? A resposta, simples porém não trivial, é que entendemos que as falas dos professores não podem ser perdidas. Não é porque “já passou” ou porque “superamos a pandemia” que essas falas serão relegadas ao passado da História da Educação, ao esquecimento. Não é porque conseguimos, na linha do tempo, afastarmo-nos um pouquinho dos anos de 2020-2021 que essas vozes não têm mais nada a nos dizer. Isso, sobretudo, porque os docentes ainda estão atuantes, e não sabemos dizer se todos conseguiram superar as marcas que a pandemia deixou em seus corpos.

Posfácio

por Rafael Montoito
e Rafael Velasco

Portanto, este livro vai na contra-partida do esquecimento: ele se coloca num movimento de insistência para ser lido, conhecido, estudado, porque entendemos que, embora o relógio não tenha ponteiros que andem para trás, seguidamente precisamos voltar o olhar para o que aconteceu, até porque novas experiências inspiram-nos a observar elementos que perdemos nas primeiras análises.

Imaginamos que o leitor percebeu que as entrevistas são vivas, pulsantes, e que a partir delas se poderiam realizar discussões sobre diversos temas. Na dissertação orientada, a escolha da pesquisadora foi discutir sobre as marcas que ficaram nos corpos dos professores, tanto marcas físicas quanto emocionais. Por esse motivo, reproduzimos a seguir um fluxograma explicativo das categorias que emergiram da análise realizada; vale pontuarmos que não mostramos esse fluxograma antes porque queríamos que o leitor entrasse em contato com as entrevistas pela sua própria subjetividade, ou seja, não desejávamos dirigir seu olhar para um ou outro assunto. O livro constitui-se como um convite para que o leitor faça outras interpretações, outras conjecturas, outras conexões, ainda que essa – marcas que ficaram nos corpos – já tenha sido feita.

Agora que o leitor já conheceu o relato dos professores, trazemos neste posfácio o fluxograma, o qual foi organizado não como a leitura mais acurada das falas dos entrevistados, mas como uma chave interpretativa possível que aproxima o leitor dos temas sensíveis trabalhados na dissertação.



Posfácio

por Rafael Montoito
e Rafael Velasco

E os ponteiros do relógio deram mais outras voltas... e, no ano passado, essa mesma cidade de São Lourenço do Sul foi assolada pelas enchentes que acometeram o estado. Novamente, esses e demais professores, que enfrentaram e sobreviveram à pandemia, se depararam com outra realidade triste e incomum: casas e escolas alagadas.

Embora ainda não tenhamos realizado nenhuma pesquisa sobre esta temática – pode haver alguma, que desconhecemos –, pensamos ser um tema pulsante conversar novamente com os professores, esses e outros, sobre esta nova catástrofe. Juntar essas entrevistas às novas que podem vir a ser produzidas pode ajudar a sociedade a conhecer, com mais detalhes, o cotidiano do professor, ou seja, a docência para além dos minutos contados que dura uma aula.

Temos vivido cenários impregnados pela desvalorização da carreira do magistério e pelo desmonte da educação pública; e, para além disso, temos vivido uma sequência de catástrofes inimagináveis. Não se trata de procurar culpados, mas de olhar com amorosidade para a docência e tentar, cada vez mais, entender e planejar espaços que deem condições de o professor ser escutado e desenvolver o seu trabalho com excelência.

Rafael Montoito

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (IFSul)

Doutor em Educação para a Ciência (UNESP)

Rafael de Souza Velasco

Doutorando no Programa de Pós-graduação em Educação (IFSul)

Mestre em Educação (IFSul)

Posfácio

por Rafael Montoito
e Rafael Velasco

Rio São Lourenço



Fonte: site oficial da prefeitura de São Lourenço do Sul {<https://www.saolourencodosul.rs.gov.br/>}

Lugares de
São Lourenço
do Sul



Memórias Und Andenken



Fonte: site oficial da prefeitura de São Lourenço do Sul {<https://www.saolourencodosul.rs.gov.br/>}

Lugares de
São Lourenço
do Sul



Arroio Carahá



Cristian Iepsen

Fonte: site oficial da prefeitura de São Lourenço do Sul {<https://www.saolourencodosul.rs.gov.br/>}

Lugares de
São Lourenço
do Sul



Casa da Imigração Jacob Rheingantz



Fonte: site oficial da prefeitura de São Lourenço do Sul {<https://www.saolourencodosul.rs.gov.br/>}

Lugares de
São Lourenço
do Sul



Praia das Nereidas



Fonte: site oficial da prefeitura de São Lourenço do Sul {<https://www.saolourencodosul.rs.gov.br/>}

Lugares de
São Lourenço
do Sul



Realização:

